

viriato simões

OS MONTES herminios

**NO Périplo do n.º de ouro e dA divina proporção — colonização greco
-Turdula do séc. VI a.C. — candidatos
a Património da humanidade**



Autor: Viriato Simões
R. Joaquim Quirino Nº 1, 1º, Dto.
2780 – 090, PAÇO DE ARCOS

Publicações do autor no domínio histórico:

- O Tratado de Alcanizes; Agosto de 1997
- A Serra da Estrela e as suas beiras.
2ª Ed. Lisboa 1979
- Homero cria os Deuses do Olimpo
na Epopeia de Ulisses, Rumo á Hespérides.
Registo no I.G.A.C. Proc.5054 / 2008; Reg.5099 /2008
Lisboa, Dez. 2008
- Homero, A Cegueira de Polifemo nos Ciclopes,
frente à Azóia de Almada.
O Estanho da Cornualha no Erguer da Quéops
e de Stonehenge c. 2.400 a. C.
Lisboa, Abril. 2009
- Os Pelasgos Conquistam Creta e Micenas
e erguem a Porta dos Leões e o Tesouro de Atreu
Lisboa, Setembro de 2009
- MAAT, Deusa do Amor Criador
o Pentagrama como diadema,
Símbolo Egípcio da Verdade
Lisboa, Dezembro 2009
Registo no I.G.A.C. Proc. nº5765 / 2009;Reg. nº 50 / 2010
- A “KALDERA” DA ATLÂNTIDA
Fim do Reino Hítita e Migração de
Povos do Egeu para a Ibéria e Itália
Lisboa, Abril de 2010
Registo no I.G.A.C Proc. Nº 19762010; nº2227 / 2010
- CENTUM CELLAS E O TEMPLO DE ALMOFALA
NA ROTA LUSA DO OURO E DO ESTANHO – Séc. VI a.C
Lisboa, Dezembro de 2010
Registo I.C.A.C. nº 6702 / 2010;Proc. nº 6526 / 2010
- *Na Idade do cobre / NÓS PELASGOS – ATLANTES
...COLONIZAMOS A SARDENHA, Creta e o “EGEO-PELASGO”
LÁ e CÁ
MAR, EXPERIÊNCIA E MISCIGENAÇÃO
DO MEGALÍTISMO AO NÚMERO DE OURO*
Lisboa, Fevereiro de 2011;
Registo I.G.A.C. Proc. nº 957 / 2011
- *Os Montes Hermínios*
No Périplo do nº de ouro e da divina proporção
- *Colonização Greco-Turdula do séc.VI a. C.*
-*Candidatos a Património da Humanidade*
Lisboa, Junho de 2011;
Registo I.G.A.C. Proc nº

SUMÁRIO

1 – O PÉRIPOLO DO NÚMERO DE OURO E A DIVINA PROPORÇÃO EM C. CELAS.....	3
2 – AINDA O PRIMITIVO TEMPLO DE ALMOFALA.....	8
2.1 – “O AÇOUGUE DAS CARNES”.....	10
2.2 – “À ESPERA DOS BÁRBAROS”.....	12
2.3 – “O MELRO” DE GUERRA JUNQUEIRO.....	18
3 – “SAUDADES DE VIRIATO”.....	19
3.1 – VIRIATO NA SERRA DE ESTELA.....	23
3.2 – O SI (SELF) ARIANO.....	25
4 – AS OLIVEIRAS NA EVOLUÇÃO DA HUMANIDADE.....	27
5 – O EUCALIPTAL GIGANTESCO PIRO-MOTOR DA DESERTIFICAÇÃO.....	30
6 – ATRÁS DE SERRA.....	35
7 – “UM DÓLMEN CUJA ORIGEM REMONTA A QUATRO MILANOS”.....	36
8 – A ARQUITECTURA SEM ARQUITECTOS.....	37
9 – O TESOURO DA FLORESTA NO ECOSSISTEMA DA MONTANHA.....	40
9.1 – AS FONTES NO ALTO DAS MONTANHAS.....	41
9.2 – A CURA ENDOVÉLICA - O MILAGRE.....	44
10 – O AMANHÃ	46

Capa: imagem VIRIATO, Tribolo – Montes Hermínios

Contracapa: Fotografia de Fernando Gaudêncio Braga

1

– O PÉRIPLO DO Nº de OURO E DA DIVINA PROPORÇÃO PASSA PELA “ENIGMÁTICA” CENTUM CELA, no séc. VI a.C.

O Périplo do Número de Ouro e da Divina Proporção – Jóia maior nos domínios da Ciência, da Arte e da Natureza, nasce no Egipto em meados do segundo milénio a.C., é assimilado pelos Pelasgos – Atlantes nos Palácios da Creta Minóica c. 1800 a.C. ; Cerca de 1200 a.C., após a magna explosão do vulcão Santorini, que pulverizou a Atlântida, surgem os Dórios e os “sea peoples”, emigrando uma grande parte dos Dórios e alguns descendentes de Pelasgos para a Magna Grécia, onde prosperam – com uma grande marinha mercante que transportava trigo, gado e madeiras para o porto do Pireu, que a Grécia, pobre nesses bens, pagava em ouro e prata.

Já noutro lugar referi a colossal erupção do Santorini que pulverizou a Atlântida, ilha gémea de Santorini, originando a famosa “Kaldera” c.1200 a. C., cujo Tsunami foi responsável pelo fim da Creta Minóica; onde Ulisses aportou, encontrando *“Aqueus, magnânimos Cretenses autênticos, Cidónios, Dórios divididos em três grupos e divinos Pelasgos”* in *Odisseia, Canto XIX v.176*

Seguisse a este facto, o fim do Reino Hitita e séculos obscuros; sabemos, no entanto, que foi então que Cónios, Tartessos e Túrdulos emigraram para o Algarve e sul de Espanha, para a Catalunha; os Etruscos para a nascente do rio Iberus, os Etruscos e os Albaneses para o Norte de Itália.

Faço esta referência, lembrando o Tsunami do sismo do Japão, em 10 de Março de 2011, para termos melhor ideia do que foi o fim dos Pelasgos Atlantes no “Egeo-Pelasgo”, onde periodicamente as placas sísmicas se manifestam.

Pitágoras (582–500 a.C.), que a conselho do Jónio Talles de Mileto, tinha emigrado para o Egipto, onde estagiou durante duas dezenas de anos, na arquitectura, geometria, e astronomia, *“por volta de 520 a.C. regressou a Samos.”*

Pouco depois do seu regresso fez uma viagem a Creta para estudar o sistema local de leis. Depois, foi para Cóton e fundou uma comunidade religiosa chamada “o semicírculo” com um círculo interno de seguidores conhecidos por mathematikoi.

“ Os mathematikoi viviam permanentemente na comunidade, onde eram ensinados por Pitágoras. Não tinham bens pessoais e eram vegetarianos.

Finalmente Pitágoras e todos os seus seguidores foram banidos de Samos por um grupo opositor, e ele e os seus seguidores deslocaram-se para Metaponto, uma cidade do sudeste de Itália que tinha sido colonizada pelos gregos dois séculos antes. Foi aí que Pitágoras morreu.”

Desenvolvendo-se extraordinariamente a Magna Grécia, aí erguem um “Santuário” da Ordem Dórica da Arquitectura Grega, que ainda hoje existe e é referência.

Lima de Freitas, no prefácio do seu livro, do Vale de Centianes (Algarve), diz-nos:

... “ Esta devastação do paraíso, esta desenfreada exploração das coisas e dos seres, esta destruição – à escala planetária! – do mundo em que vivemos, são bem o sinal da Besta, cujo triunfo arrogante e torpe é, por seu turno, indício da trágica perda de algo – precioso! – que podemos, por certo, descrever como o esquecimento da Medida, da Proporção, do “Número”.

“ Do “Cânone” pelos quais se guiaram as civilizações mais gloriosas da história, e que foram o segredo de uma beleza imperecível que deslumbra as gerações.

Afundados em tanta fealdade, desamparados nesta vil tristeza que nos rodeia (de que o estupro e desfiguração do paraíso algarvio é o acabrunhante exemplo), não já “apagada” como a vituperou Camões no fim dos “Lusíadas”, mas acesa nos neons e nos estridores do imenso bordel turístico - económico progressivo, surge-nos mais desesperadamente urgente do que nunca o dever de tentar salvar o equilíbrio “canónico”, espelho dos equilíbrios da Natureza, que foi o segredo do que de melhor e mais durável criou o génio da humanidade e que representa a esperança – bem ténue, aí de nós – de um regresso à saúde, à beleza, à justa medida e à infinita e harmoniosa complexidade do ecossistema de que o homem é cabeça – a menos de escolher a extremidade inferior da cauda, onde se aloja a peçonha escorpiónica a do suicídio colectivo.)”

Ninguém mais que a Gulbenkian pode convidar novos artistas a fazer uma reprodução da “Enigmática” Torre de Centum Celas, e dos Palácios da Creta Minóica, como lídimos representantes do Périplo do Número de Ouro e da Divina Proporção, num recanto dessa Fundação, que tanto presa a História da Humanidade

O Número de ouro é lei Universal. Está na série infinita de relações dos polígonos regulares inscritos no círculo, nas dimensões do corpo humano, nos polígonos formados pelas pétalas das flores, nas espirais do girassol, como na das conchas de um molusco ou nos cornos de um velho carneiro; não esquecendo as estrelas-do-mar ou o nosso A.D.N.

Não ficam quaisquer dúvidas de que a “Enigmática” Torre é padrão milenar da Infância da Humanidade que, com a coroa de povoados que à volta da Serra incrustou, faz dela Território Museu da Civilização Megalítica que os Pelasgos – Atlantes criaram **“at Lusitânia ... que mare Atlânticum spetat”**. Pompolio Melo

Os Gregos *“Em 600 a.C. fundaram Massilica (Hoje Marselha).*

A Oeste fundaram outras colónias, entre elas Ampúrias e Mainaké (Málaga), vizinha das fontes da prata”... “Dos sítios onde se instalaram continuaram a irradiar a sua civilização pelos países vizinhos” ...

“Mas desde Cumas e Cirene até às colunas de Hércules, todo o litoral era domínio reservado: os navegadores Etruscos e fenícios não admitiam que navegadores estrangeiros visitassem as tribos Línguas, o Império Ibérico e o reino dos Tartessos. Por fim, as circunstâncias mostraram-se favoráveis à entrada de novos concorrentes:

Tiro estava aruinada Cartago ainda não atingira o apogeu da sua grandeza. Os Gregos aproveitaram a ocasião”

Gustavo Glotz in “História Económica da Grécia.”

O investigador não pode, destes dados, deixar de pesquisar outros. Assim, a “Enigmática Torre têm o segundo piso destinado a bom salão rodeado de largas varandas alpendradas e, na fachada da frente, um Pátio com o frontão de duas águas, conformes as regras - o todo acrescentando o salão, com belas vistas para a grandiosa Serra e para a Cova da Lã.

Sem dúvida era aqui que se realizavam as festas e reuniões administrativas. A alegria de viver está nas festas e no convívio, no prazer de comunicar, dar e receber ideias.

É do diálogo que surgem feixes de ideias que bem crivadas se transformam em conjuntos harmónicos de contribuições para ordenar ideias e modos de actuar, constituindo projectos que passam a fazer parte de Programas de actuação, que visam legítimas aspirações e melhores condições de vida.

Não esqueçamos que os Gregos nos legaram a forma grega de pensar, que ainda hoje é seguida na investigação científica.

Comecei a preocupar-me com a “Enigmática” C. Celas quando projectavam a auto-estrada Castelo Branco – Guarda pedindo ao então Ministério do Equipamento, do Planeamento e da Administração do Território, respeitarem a enigmática Torre e zona adjacente, para um futuro Parque Ecológico.

Recebi em 1998, do Gabinete do Secretário do Estado das Obras Públicas, o Ofº nº 592 – SEOP / XIII Procº nº PE . Assunto: IP2 Belmonte Norte / Belmonte Sul.

“Em aditamento ao nosso ofício nº 548 – SEOP / XIII e 10 do mês em curso e referente ao assunto mencionado em epígrafe encarrega-me o Senhor Secretário de Estado de Obras Públicas de esclarecer V. Exª que os estudos de IP2 entraram em linha de conta com o Monumento de Centum Celas, não interferindo igualmente com a área prevista para o futuro parque ecológico, localizado entre o referido monumento e o Morro de Stª Maria.”

Os melhores cumprimentos. O CHEFE DE GABINETE ass. Jorge Zúniga Santo.

Registo este dado porque, aquando da abertura da referida auto-estrada, surgiram vestígios arqueológicos muito importantes, como era lógico esperar, e já me sucedeu com o Primitivo Templo de Almofala.

Trata-se de uma colonização que não sabemos quanto tempo durou, mas cumpre à investigação ter presente que os vestígios deixados nos ecossistemas de então se medem por conjuntos harmónicos e não por uma Quinta da Fórnea singular.

É pois errado que, no caso vertente, os Arqueólogos, tenham estranhado não ter encontrado o chão do monumento atapetado de tégulas, no que dizem ser uma Vila Romana. Esquecendo que as tégulas, usadas em belos painéis e depois em pavimentos só foram criados pelos Gregos no séc. V a. C., e Centum Celas e todo o conjunto local data do séc. VI a.C.

Esta é mais uma poderosa razão para afirmarmos que a Quinta da Fórnea pertence ao conjunto...as pedras o dizem!

E o aparelho de ressalto ritmado, por camadas horizontais do muro do Castro de Urjais (não longe de Unhais..., da Gardunha e da Guarda...) bem perto de C. Celas, está, também, em Bobadela, perto de Oliveira do Hospital, passando erradamente por romano, porque...também está nos muros de Egostena, no Golfo de Corinto e em Priene na fortaleza de Eleusteras, barrando a estrada de Tebas para Atenas. A arte é a mesma o tempo também – deve ter sido obra da Colonização Greco - Turdula do séc. VI aC., séculos antes da Loba Romana ter nascido.

Sobre este assunto vou desenvolver, pelo muito interesse, não só histórico como o referente ao problema energético na habitação e na formação de povoados em terras de encosta, o que são as casa denominadas açoteias, que os Pelasgos- Atlantes inventaram na Atlântida, que a Kratera de Santorini pulverizou, deixando ao lado a actual Santorini como testemunho das ditas habitações, que trepam encosta acima, com o seu azul e branco e terraços característicos.



Mais um enigma na obra abaixo citada, que não nos refere a origem do vaso, que suspeita ser um tinteiro, aludindo porém que as letras são do alfabeto da língua portuguesa.

Num brilhante livro sobre o “Código Secreto. Forma misteriosa que governa a arte, a natureza e a ciência.” diremos: está em boa companhia. Numa reprodução num Palácio Minóico no Cabo Espichel, que em outro lugar refiro, ficaria bem esta magnífica figura, ao lado de muitas outras peças da nossa rica proto-história.

Priya Hemenway in o “Código Secreto. A forma misteriosa que governa a arte, a natureza e a ciência.

2

– AINDA O PRIMITIVO TEMPLO GREGO DE ALMOFALA

“Tão importante é a proporção nas coisas que nada
pode trazer deleite aos olhos sem ela.”
Lomazzo

Na zona de Almofala ” *A primitiva ermida, em ruínas no meio do olival, alguns metros a Nascente da nova Capela, construída em 1909, numa colina próxima, foi edificada sobre um presumível Templo Romano. Ainda se pode admirar a sua porta em ogiva. Neste lugar existiu um Castro Celta.*”

Afinal, o Templo Romano está aqui, e eu vi dele a porta em ogiva; porque é que o IPPAR procurou outro em Almofala, tão perto? Os romanos não semeavam templos, nestes ermos, assim, tão perto um do outro!

Em Dezembro de 1999, visitei Almofala e arredores, acompanhado por uma filha, arquitecta, e por dois professores universitários. Tirámos fotos de todos os lados e cantos, apalpámos as pedras, tentámos ver, mas nada. Nada mesmo!



Esta foto de 29.12.99, data a primeira e única visita que fiz a Almofala. E tem, nesta entrada, os famosos ***touro e porcon***, tal como no Cabeço das Fráguas, junto a Centum Celas – Belmonte, com a célebre inscrição decifrada por Rogério de Azevedo, estudioso dos alfabetos de reminiscência peninsulares – a escrita hieroglífica (linear A e Linear B), fervoroso defensor da expansão helénica, “grandiosa, na Ibéria.” Publicou “Mapa Comparativo de Algumas Inscrições Ibéricas”, em pormenor, referidas...

Um ano e meio depois, visito Évora e o seu Templo Romano. Noto que o Pódio é diferente do de Almofala.

Enquanto em Almofala temos um pódio de bela alvenaria de isódomos, assentes sem argamassa, tal como em Centum Celas (arquitectura grega, séc. VI a. C.), em Évora, o pódio do Templo Romano tem as fiadas da base e a do topo em alvenaria de granito talhado, mas, entre elas o aparelho é outro, é de pedra tosca, ligado com argamassa.

Se ambos fossem romanos, da mesma época, teriam logicamente pódios idênticos. Não se trata de um dado importante, mas de uma pequena pedra, para o puzzle final

Quando em 2000 visitei Évora, o seu Templo de Diana já não tinha o ignóbil talho, com ameias – **O Açougue das Carnes, como vi na Capa de um Boletim da Câmara Municipal de Évora**, que reproduzo.

Pensando neste coroadado monumento leio esta frase de Almada Negreiros :

“...a legítima ingenuidade, precisamente a que tem olhos e não vê tem ouvidos e não ouve”.

Tentemos ver: Évora é capital do Alentejo, cidade muito antiga, que os romanos já cá encontraram, situada, no alto de um morro onde nascem rios, para todos os quadrantes, a meio caminho, entre Lisboa e Mérida. Ocupa lugar de relevo no mapa Espagne Ancienne – preciosidade pós – Roma, que comprei num alfarrabista.

Hoje, como no passado, de que se orgulha, teve elites que conduziram os seus destinos.

Um pormenor curioso, quando visitava o seu Museu, com a directora, no jardim anexo, pouco bem tratado, vi, em dois sítios, tufo exuberantes de uma planta estranha e inquiri o seu nome. Resposta: não sei, é muito antiga aqui!

Minha Senhora eu sei, porque tenho uma que também resiste no jardim anexo à minha morada e é uma infestante no Parque de Monsanto da cidade de Lisboa. Chama-se Acanto e as suas folhas foram eleitas para os capiteis das ordens da

Arquitectura Grega, deslumbrantes de elegância no capitel Coríntio. Desculpem, creio que não ficam mal as folhas desta famosa planta grega, no discurso.

Procuremos um grande mestre para nos falar de colunas:

“Ora, nas construções arcaicas, cujas colunas são troncos de árvore, a analogia entre o templo e a floresta consagrada é evidente.” ... “A colunata exterior ou pórtico circundante assemelhe-se à vegetação cujos troncos e ramos jorram do solo para formarem, sob a luz do Sol, um lugar de convergência entre o homem e as divindades, uma ligação entre a terra e o céu. Era, pois, bem este bosque sagrado que o peristilo dos templos encarnava e de que os santuários conservarão a lembrança através a mutação representada pela fase de petrificação das estruturas construídas, quando todo o templo for erigido em pedra.”

... “A colunata do peristilo reveste-se pois de um significado profundo que supera, de longe o puro factor estético postulado pelos especialistas. Ela é emblemática do templo e do seu quadro original. Ela dota o edifício de um valor semiológico essencial, ligando-o ao bosque sagrado primitivo. Sem este contributo simbólico a arquitectura resumir-se-ia a um acto gratuito, vazio de sentido, quando o que ela traduz com evidência são as intenções profundas dos seus criadores. A arte pela arte é uma ficção moderna”

In “A Grécia de Micenas ao Partenon” de Henri Stierlin; Ed. TASCHEN

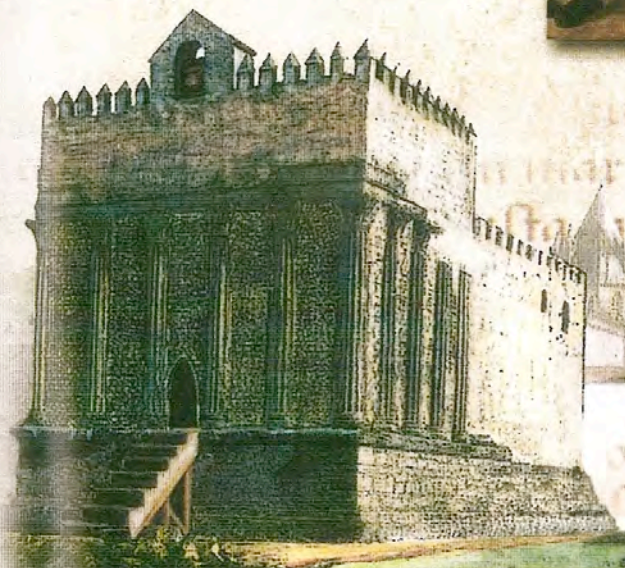
2.1 – “O AÇOUGUE DAS CARNES

O AÇOUGUE DAS CARNES

Reconheces a imagem em baixo? Pois é mesmo o templo romano com um edifício antigo em cima que era utilizado como talho. Este talho era conhecido por **açougue**, palavra que vem do árabe *suq* e que significa mercado. A sua função era a de vender carne a retalho: porco, vaca, ovelha e cabra. Estes animais eram abatidos no **curral do concelho**, lugar situado no actual Rossio de S. Brás, e só depois eram vendidos no açougue.



Interior de um talho, cerca de 1582. Pintura de A. Carracci.



Se quiseres saber mais segue as “pistas”:
Açougagem; enxerqueiros;
sino de correr.



Ei – lá a famosa imagem, que foi digna da bela pintura do interior, por A. Carracci! Bem vistas as coisas: ***Eborenses escarnecendo, o legado, odiando tudo quanto era romano.***

De notar que enquanto as Beiras e o Norte são ecossistemas ocupados por cidades, vilas e muitas aldeias, estas ainda com pequenos aglomerados anexos, todas desde há milénios ocupadas pela Igreja; outro tanto não sucede no Alentejo, despovoado e pouco dado a rezas, como o mostrou o Partido Comunista no 25 de Abril.

Roma nasce apoderando-se da frota marítima da brilhante civilização dos Etruscos, Pelasgos – Atlantes emigrados do Egeo - Pelasgo, quando do desastre do Santorini, e da pulverização da Atlântida, tal como o demonstra a sua língua, a arte de trabalhar o ouro e o cobre, os usos e costumes, o ecossistema e *clustres* que criaram na bela Toscana dos nossos dias, irmãos dos nossos Cónios, Turdulo e Tartessos.

Pouco tempo depois, aliados da Santa Madre Igreja, dominam a Europa; os Anfiteatros da Arquitectura Grega, para cultura do povo, são imitados, substituídos pelo Coliseu...

E, breve, se ouve no Senado Romano : “ *Delenda Cartago!*”

“A usura foi em Roma, como seria sempre em países onde há pouca indústria comercial, imposto exorbitante exigido aos pobres e aos necessitados pelos capitalistas, uma causa de ruína para o povo. Quanto menos negócio se faz, tanto mais a usura ‘excessiva.’ Nada mais estéril, maléfico do que a usura. Não prospera senão nos países e nos períodos em que o verdadeiro crédito não existe, quer dizer, quando os espíritos se não seguram ainda à concepção capitalista dos negócios. Esta aristocracia usurária, ociosa, de nenhuma forma capitalista, foi além disso, horivelmente esbanjadora.”

“Alberto Broglie, por seu turno, traça o quadro seguinte:

“A falar verdade, se o Império no séc.IV, em vez de comunicar as suas leis e os seus costumes às nações estrangeiras, se deixou dominar e vencer por ele, não foi isso devido à política pacífica de Constantino, nem às instituições militares que não eram disso senão a sequência natural. O mal vem de mais longe: teve a sua origem a uma profundidade que não é dado às leis atingir. Era pelas suas chagas interiores e pela decomposição de todas as suas forças vitais, e não por falta de qualquer organização militar que o Império devia perecer. Dez séculos de corrupção e três de despotismo tinham conduzido a um estado de miséria moral e material, e, se ousarmos servir-nos de uma expressão demasiado moderna, é uma condição económica que tornava todas as leis impotentes.”

Abel Salazar in **“A CRISE DA EUROPA”** Biblioteca Cosmos, neste capítulo III: *Idade da Europa*, apoiado no escritor Lot, “La fin du Monde Antiqué et le début du Moyen-Age – Bib.de Síntese Historique, L’évolution de L’Humanité, La Renaissance du Livre. – Paris, 1927.

“Para tudo dizer numa palavra, Roma, há quatro séculos arruinava-se sem cessar, e na sua ruína pecuniária eram arrastados todos os seus políticos. Quando uma sociedade não pode satisfazer as suas próprias necessidades, não pode durante muito tempo prover a sua defesa. Roma no séc. IV não podia alimentar os seus cidadãos, nem manter a sua administração, nem sustentar o seu exército: de ano para ano, as suas populações empobreciam, os seus encargos tornavam-se mais pesados, ao mesmo tempo que as suas forças se tornavam menores.”

“ Foi esta miséria crescente de que Constantino, como igualmente ninguém da sua época, sabia penetrar as causas, e à qual ele não trouxe senão remédios impotentes e., algumas vezes piores que o mal; que enganou todos os seus esforços, ludibriou todos os cálculos da sua política, entregou o Império, como uma presa fácil, aos seus inimigos e não permitiu às velhas nações romanas retemperar a tempo, nas inspirações de uma nova fé, o seu vigor exausto. Resta considerar sob este aspecto e sob este ponto de vista económico que está ligado no entanto a altas considerações políticas e morais, o efeito e a sorte das instituições de Constantino.”

(A. De Broglie, L'Eglise et l'Empire Romain au IV siècle, Paris, 1856-66).

2 . 2 – À ESPERA DOS BÁRBAROS”

É um privilégio, que não quero deixar de revelar ao leitor, o ter lido um poema com este título, de Constantino Cavafy, tradução de Jorge Sena, ASA Ed., Porto. Jorge Sena ;

diz-nos:

”Cavafy não faz mais do que integrar-se (ainda que correndo todos os riscos de fazê-lo numa sociedade ocidentalizada) no hedonismo epicurista que era uma das mais fortes tradições da literatura antiga – sobretudo da poesia lírica, como o era, apesar de sempre ter havido moralistas iracundos neste mundo, da própria vida do Oriente europeu, asiático ou africano.”

À ESPERA DOS BÁRBAROS

O que esperamos nós em multidão no Fórum?

Os Bárbaros que chegam hoje.

Dentro do Senado, porque tanta inacção?

Se não estão legislando, que fazem lá dentro os senadores?

É que os Bárbaros chegam hoje.

Que leis haviam de fazer agora os senadores?

Os Bárbaros, quando vierem, ditarão as leis.

Porque é que o Imperador se levantou de manhã cedo?

E às portas da cidade está sentado,

no seu trono, com toda a pompa, de coroa na cabeça?

Porque os Bárbaros chegam hoje.
E o Imperador está à espera do seu Chefe
Para recebê-lo. E até já preparou
um discurso de boas vindas, em que pôs,
dirigidos a ele, toda a casta de títulos.

E porque saíram os dois cônsules, e os Pretores,
hoje, de toga vermelha, as suas togas bordadas?
E porque levavam braceletes, e tantas ametistas,
e os dedos cheios de anéis de esmeraldas magníficas?
E porque levavam os preciosos bastões,
com pegas de prata e as pontas de ouro em filigrana?
Porque os Bárbaros chegam hoje,
E coisas dessas maravilham os Bárbaros.

E porque não vieram hoje aqui, como é costume, os oradores
Para discursar, para dizer o que eles sabem dizer?
Porque os Bárbaros é hoje que aparecem,
e aborrecem-se com eloquências e retóricas.

Porque, subitamente, começa um mal-estar,
e esta confusão? Como os rostos se tornaram sérios!
E porque se esvaziam tão depressa as ruas e as praças,
e todos voltam para casa tão apreensivos?
Porque a noite caiu e os Bárbaros não vieram.
E umas pessoas que chegaram da fronteira
dizem que não há lá sinal de Bárbaros.

E agora, que vai ser de nós sem os Bárbaros?
Essa gente era uma espécie de solução.”

O investigador é feliz se, depois de afirmar os seus resultados, encontra perdidos na literatura, farrapos de poesia, tão altos e brilhantes como os cirros – que só eles brilham, no céu, mercê dos seus cristais que reflectem a luz do Sol, que tudo cria.

O que quero vincar é o génio poético de Constantino Cavafy, que nesta pequena poesia nos diz:

“Quando elas despertam...

Procura guardá-las, Poeta,
Por poucas que sejam de guardar,
do teu amar as visões.
Coloca-as meio ocultas nas tuas frases.
Procura detê-las Poeta,
Quando em tua cabeça elas despertam,
de noite ou na luz crua do meio-dia.”

Na Europa, toda a Ibéria foi particularmente atacada, durante milénios, por essa fé que, no nosso País, ainda está querendo interferir nas próximas eleições, combatendo contra a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo, contra a eutanásia, contra o casamento de mulheres lusas com islâmicos, contra o uso da camisa de Vénus, no combate à sida.! O que desperta, os mais conceituados cronistas.

Ratzinger não sabe o que fazer com a cruz que herdou e, como seus antecessores, dá grandiosos espectáculos, que o público adora. Mas, hoje, só mentalidades pobres em racionalidade rezam o terço, acreditam em milagres, no céu e no inferno.

Devemos ensinar que para se ser feliz é necessário educação cívica, saber o que queremos da vida e **agir racionalmente**, com total determinação.

No diário Público de 8 de Fevereiro de 2009, Vasco Pulido Valente diz-nos: “ A minoria Católica?”:

“Das 4400 paróquias da Igreja Católica portuguesa, à volta de um quarto (100) não têm um pároco residente.”...“Pouco a pouco a Igreja vai desaparecendo no interior do País, como por outras razões desapareceu das grandes cidades do litoral..”” O seminário perdeu o privilégio de ser o único caminho de promoção social. O padre perdeu o prestígio. E a Igreja perdeu o monopólio ideológico.”... “O Papa Ratzinger imagina a igreja do futuro como uma pequena minoria ignorada ou perseguida, à margem da ortodoxia do século. Provavelmente, não se engana. A julgar pelo que se passa em Portugal, esse grande exílio não está longe.”

Admirável capacidade de raciocínio, de racionalismo e de síntese!

Na minha opinião.

Verdade é que o Céu, o Inferno, o Purgatório são metáforas puras! Ou melhor falsas mentiras, que aterrorizam quem não sabe pensar. No entanto: *“bem aventurados os pobres de espírito, porque deles é o REINO DO CÉU”* ??? ?!!!!

Ainda hoje, a Igreja investe, como poderosa fonte de rendimento, usurário, mais de setenta Milhões de euros no sumptuoso Santuário de Fátima, que o nosso Episcopado queria inaugurar em 13 Outubro de 2007, com a presença de Ratzinger, canonizando a Irmã Lúcia, que deixou segredos sobre o futuro e nos livrou do Comunismo, santificando os três pastorinhos.

O Papa não só não veio, como chamou ao Vaticano todo o nosso episcopado que, em fila,

“com trajes e pensamentos do antigamente, solenemente e com cobertura televisiva, Sua Santidade Bento V, convidou-o a “mudar o estilo de organização da Comunidade Eclesiástica Portuguesa e mudar a mentalidade dos seus membros.”

“Ratzinger demarca-se da Igreja reaccionária do séc. XIX, que combateu a ciência, defendeu a Monarquia absoluta, combateu a Industrialização, a Democracia, o Liberalismo político e económico, como o fizeram muitos papas”.

Assim o julgou o Historiador J. Pacheco Pereira, em Novembro de 2007.

O mais grave é ler, página Economia do “Correio da Manhã” - 6 Março 2009, o seguinte cabeçalho:

“A nova Basílica foi construída com dinheiro que estava depositada no Banco Privado Português.”

“O Santuário tirou dinheiro do BPP.”

“Durante vários anos, a Igreja teve depositados no Banco Privado Português milhões de euros. O banco de Rendeiro foi substituído pela CGD.”

“Miguel Alexandre Ganhão / Diana Ramos / Secundino Cunha”

“ O Santuário de Fátima era um dos melhores clientes do Banco Privado Português (BPP), segundo apurou o *Correio da Manhã* junto de fontes próximas da Administração do Santuário. As mesmas fontes confirmaram que se tratava de “montantes significativos” que foram desmobilizados *a medida em que se procedia *a construção da nova basílica (inaugurada em 13 de Outubro de 2007) “ ...onde foram investidos setenta milhões de Euros, mais dez milhões para um túnel.

Olhemos, pensando, o que se está a passar com a fé islâmica, todos os dias, desde há séculos, com dezenas, centenas de mortos, acreditando os assassinos terem, no céu, uma dúzia de virgens à sua espera...

Nos dias de hoje – **ao romper da Primavera de 2011**, a Juventude Islâmica, pulverizada em seitas religiosas, deserdada e faminta, sob o Jugo de Chefes Faraónicos, representantes de Deus na Terra, revoltou-se começando pelo Egipto, ora finalmente apoiada pelas Nações Unidas.

Note-se: Todos estes Chefes Faraónicos usam saias, roupas douradas, têm tronos, vivem em Palácios e, desde há milénios, odeiam as mulheres, construíram palácios e Catedrais sumptuosas, com musica sacra, para melhor sedução dos seus credos.

O exótico Kadafi, há quarenta anos no poder, com filhos herdeiros, resiste. Mas note-se; às forças da Nações Unidas, que ora o atacam com poderosa aviação, nada lhes interessa o Caudilho, mas sim a Camarinha, com exército que explora desde tempos imemoriais os seus povos.

Quero lembrar que Dien Xau Ping, o *leader* da CHINA, em 2007 visitou a Coreia do Sul, Singapura e ficou deveras surpreendido com o progresso e as suas Universidades.

De regresso ao seu povo proclamou que de futuro: **“Pouco lhe interessa que o gato seja Preto ou Branco, mas sim que cace ratos”**

E o Comunismo foi enterrado, tal como na Rússia. Creio que nós temos o maior partido Comunista da Europa e os Sindicatos cheios desses senhores, desde o vinte e cinco de Abril ... ,, ...

Com estas mentalidades e as colossais Pirâmides Madoff, que o Capitalismo mundial ergueu por todo o mundo, a esperança das novas gerações está só na Ciência, na Teoria Quântica, que está revolucionando o conhecimento sobre o cérebro, sobre o A.D.N. e a Informática – no Racionalismo, esperando que as *Nações Unidas* caminhem para a Globalização, cuidando da Biosfera e de uma Ética Ambiental adequada.

Aproveito para informar que Plank ao revelar a sua Teoria, afirmou. *“Não julguem que os meus colegas a vão apoiar... só os jovens, a futura geração de cientistas o vão fazer!”*

Tal ocorrência se passa com as seitas religiosas; sou anti-religioso desde os meus dezasseis anos, casado com minha mulher há setenta e um anos e só ela de vez em quando ainda vai à missa. Dos oito filhos nenhum é crente.

Lembro Guerra Junqueiro:

“Os cérebros infantis, são puros como a neve. / Pérolas de leite, em urnas virginais. / Quanto ali se grava, quanto ali se escreve, cristaliza em seguida e não se apaga mais!”

O Mundo está em constante mutação, a natureza humana evolui hoje a uma velocidade estonteante – **devido à Ciência e tecnologias desenvolvidas**; só as Igrejas, as seitas religiosas, e outras clonagens mentais, se mantêm tal como foram criadas, acorrentando multidões de ignorantes.

– Na Alemanha de Lutero

O acima referido Ratzinger, têm razão, ao falar em nova mentalidade, e pode inspirar-se no compatriota Lutero, que, impulsionado pelo Renascimento, apoiado por Erasmo e Calvino, impulsionam **a Reforma – movimento religioso e político no séc. XVI.**

A 31 de Outubro de 1517 Lutero afixou à porta da sua igreja as suas teses sobre as indulgências que a igreja cobrava, comerciando também lascas de madeira, vindas da cruz de Cristo.

“Por que motivo o papa, cujas riquezas são hoje mais copiosas que as dos Grassos mais opulentos, não constrói a Basílica de S. Pedro com o seu próprio dinheiro em vez de a fazer com o dos pobres fiéis?”

“Oh luxúria de Roma e da Itália e dos sacerdotes, que era apregoada por todo o mundo e teu fedor chegou até ao céu, porque não há só cem meretrizes, nem duzentas, nem trezentas, nem mil, nem duas mil, nem quatro mil, nem seis mil, mas para mais de dez mil.” Sanavarola, Sermões.

O Papa Leão X havia criado vultuosas rendas pela concessão de cargos eclesiásticos, que por sua vez, os clérigos cobravam aos seus fiéis.

Erasmus de Roterdão, com *“O ELOGIO DA LOUCURA”* adere à revolta; a usurpação da terra, a usura, a luxúria de Roma e em toda a Itália, do Palácio do Vaticano às Catedrais, Templos e Palácios.

Na Era de Constantino, em 330 elegeu a cidade de Constantinopla como capital do Império e com o Edito de Milão deu liberdade à Igreja, “até aí perseguida” .

Tertuliano já afirmava, no século Terceiro:

“Somos apenas de ontem e já ocupamos todos os vossos sectores, as vossas tribos, as vossas decúrias, o Palácio, o Senado, o Fórum, só vos deixamos os vossos Templos.”

Este movimento, rumo ao colapso, lembrando as verdadeiras causas da Queda de Roma ...

... É muito semelhante ao actual momento político e económico iniciado na América, com a queda do usurário e benemérito Madoff – condenado a 150 anos de prisão e que hoje afirma “ter sido tão simples e tão fácil enganar tudo e todos” – continuado pela paradigmática Irlanda, com Catedrais e fabulosas Torres arranhando os céus, centrais nucleares ajudando a produzir boa energia que o Tsunami do Japão vem condenar!

Políticos e banqueiros, economistas, corruptos, sabios-ignorantes, ergueram pelo mundo cidades de torres descomunais, ao desafio, pararam já, e, os que as construíram e muitos dos que lá trabalhavam, estão desempregados, sem dinheiro para os supermercados, sem cultura que os ensine a sobreviver.

O que neste século 21 se passou na Irlanda é sintomático e extensivo a todo o Mundo – um colossal investimento no imobiliário; políticos e banqueiros corruptos e usurários, tal como na queda do Império Romano, rumo ao colapso. O sector produtivo do mundo rural abandonado, passando a consumir nos supermercados.

O sistema ruiu estrondosamente, com tantos desempregados “ sem eira nem beira” de mão estendida ao exaurido apoio social.

Para suavizar ...

2.3 – O MELRO, de GUERRA JUNQUEIRO

“G. Junqueiro, el más grande lírico portugués entre los vivos y uno dos mayores, hoy, del mundo.”

Miguel Unamuno

O melro, eu conheci-o;
Era negro, vibrante, luzidio.
Madrugador, jovial;
Logo de manhã cedo,
Começava a soletrar, d'entre o arvoredor,
Verdadeiras risadas de cristal.
E assim que o padre cura abria a porta,
Que dava para o passal,
o velho abade, respirando umas finas ironias,
o melro, dentre a horta,
Dizia-lhe bons dias!
E o velho padre cura,
Não gostava daquelas cortesias.

... ..

Só hoje sei que toda a criatura
Desde a mais bela à mais impura
Ou numa pomba ou numa fera brava,
Deus habita, Deus sonha, Deus murmura!

... ..

Ah Deus é maior do que eu julgava ...

... ..

E arremessando a Bíblia, o velho abade
Murmurou:

Há mais fé e há mais verdade,
Há mais Deus com certeza,
Nos cardos secos de um rochedo nu,
Que nessa Bíblia antiga ... Oh Natureza,
A única Bíblia verdadeira és tu!

.

3

–”SAUDADES DE VIRIATO”

Não era meu intento abordar já o intróito a um pequeno estudo à personalidade de Viriato, quando mão amiga me dá a conhecer um artigo do Jornal a “DEFESA”, de Évora, 26 Janeiro de 2011, de Joaquim Palminha Silva, pela foto e prosa, velho lutador.

Peço licença ao Jornal e ao autor, para do artigo divulgar um pequeno extracto.

“Saudades de Viriato”

“Este que vês, pastor já foi de gado:
Viriato sabemos que se chama,
Destro na lança mais que no cajado!
Injuriada tem de Roma a fama.”

Camões, Os Lusíadas, canto VIII,6

“A águia de Roma carregou no bico, e largou sobre a Meseta Ibérica, a golpes de lança, legião após legião, além da organização municipal, a língua, a organização do Estado, o Direito ... e o latifúndio ... - Eis a **Pax Romana**, de que fala a História! ... “Que seria a Península Ibérica, que destino enfrentaria agora a Lusitânia se tivesse resistido com sucesso às legiões de Roma? Não vale a pena colocar a pergunta”

... .. “Hoje, regressou ao mundo a mesma energia dos traficantes e dos mercenários do séc III a. C.. Repito que tenho mais saudades de Viriato!

Saudades do chefe dos Lusitanos que derrotou Caio Plâncio próximo de Évora: Ele é que merece figurar na bandeira da cidade!

Viriato foi o pesadelo das legiões romanas. Dizendo que as gentes da Serra da Estrela conseguiu travar a conquista Romana. Mas a ambição madre da traição, matou Viriato...”

“O escritor grego Apiano (Bellum Ibbericum, 154-72 a, de J.C): “O cadáver de Viriato, ricamente vestido, foi queimado numa pira enorme ... enquanto os soldados, tanto infantes como cavaleiros corriam, em formatura e armados em volta da fogueira, cantando à maneira bárbara as suas glórias e só se afastaram depois do fogo se extinguir por completo. Terminado assim o funeral, realizaram sobre o túmulo do herói simulações de combates singulares”.

“O exemplo de Viriato não morreu com ele. Mesmo sem governo forte e sem chefe capaz, os Lusitanos continuaram uma luta de guerrilhas que enfraqueceu Roma. Com essas lutas mostravam, a seu modo e para a sua época, um vincado desejo de independência.

“ As derradeiras batalhas contra o Império tiveram lugar aqui nas vizinhanças de Évora!

O comando de Sertório, antigo senador romano (originário das terras de Campânia) refractário a Roma, aceite como chefe pelos Lusitanos.

A estratégia militar de Viriato perdurou e com ela a resistência de todo um povo, tal como nos narram escritores latinos Salústio e Plutarco.”

“Um professor espanhol, especialista em filologia Clássica na Universidade de Granada, debruçou-se sobre a personalidade de Viriato! Aqui nesta carcaça chamada Portugal, ninguém deu por isso! Maurício Pastor Muñoz (o Professor), a determinado passo da sua obra “Viriato”, escreve :

“Actualmente, quase todos os historiadores enjeitam a tese de um Viriato nascido e criado nas montanhas. Os traços da sua personalidade, recolhidos a partir das obras, dos autores antigos, apresentam-no como um homem sóbrio, enérgico, justo e fiel à palavra dada, desprezando em absoluto o luxo e o conforto e, sobretudo como excelente estratégia militar, levando-nos a concluir que se tratava de um verdadeiro político, o indiscutível chefe militar dos Lusitanos e defensor da sua liberdade.”

“Aqui nesta cidade de Évora, onde devem ter brilhado as derradeiras armas Lusitanas, o ingrato Olvídio, sevandijou-nos a História, entre farrapos de latinizações e troféus de pedra... Já não há memória histórica a respeitar, agora tudo é vida por certos modos que nos deixem ganhar uns trocos para sobrevivermos nos tombos, nesta grande república dos tolos académicos, do betume dos mestrados e doutorados... até ao fastio.! Quero que a **Pax Romana** de outras patarequices ilustres, de uma vez por todas, fiquem arrumadas nos bilhetes postais para os turistas |

Hoje, mais do que nunca, tenho saudades de **Viriato** e muitas outras coisas Lusitanas.”

Uma única palavra me ocorre para comentar este texto: **Pragmático!**

(Pragmatismo: “Teoria segundo a qual a função essencial da inteligência é não de nos fazer conhecer as coisas, mas de permitir a nossa acção sobre elas.” James Bergson).

Olho melhor esta foto de Viriato e recordo que ele, ao ser eleito Chefe dos Lusitanos, a seguir à Traição de Galba, ordenou que ele ficaria com a sua guarda e os restantes dispersassem, reunindo-se depois todos em Tribolo .

Esta localidade vem bem legível no mapa “Espanhe Ancienne” e pelas coordenadas creio ser hoje Marialva, na Serra da Estrela.

Mas esta região, como noutro sítio desenvolvo, foi povoada, pelos Turdulos, com grande desenvolvimento na Rota Lusa do ouro e do estanho. Olhando bem esta foto de Viriato vemos que a farta barba passa para o pescoço, característica genética, ainda hoje de meus filhos e netos – Pelasgos–Atlantes: farta barba, pelos no pescoço, peito, pernas e braços.

O que atrás diz o ilustre professor espanhol, especialista em Filologia Clássica na Universidade de Granada, Maurício Pastor Muñoz sobre a personalidade de Viriato está certo!

Viriato é descendente dos Turdulos da Serra da Estrela, de então; conhecedor da Terra onde nasceu, dos rústicos caminhos e passagens; foi este o grande trunfo e superioridade perante a elite da cavalaria romana.

É um génio! Porquê?

Porque concebeu e praticou a Guerra de Guerrilhas; porque incutiu no seu povo e nos seus cavalos, um saber, de experiência feito, que, por entre os fraguados das serras levou de vencida o maior exército e cavalaria de elite de então.

Não repito as qualidades e a personalidade que pesquisou o Ilustre Professor de Filologia Clássica da Universidade de Granada,

Muitos são os autores que escreveram sobre Viriato, mesmo sem saberem que os seus antepassados são herdeiros da Civilização da Atlântida que o colossal Santorini pulverizou e da Creta Minóica, que a Grécia assimilou e elevou, rumo ao racionalismo e forma grega de pensar, ainda hoje seguido na Investigação Científica.

Diodoro da Sicília diz “*Viriato demonstrou ser um príncipe*”. Os Lusitanos homenagearam-no com os títulos de : Benfeitor e de Salvador, títulos honoríficos dados aos reis da dinastia Ptolomáica.

A cidade espanhola de Zamora, nossa vizinha, ergueu uma estátua a Viriato – ***Terror Romanorum.***

Voltemos aos cavalos Lusitanos que ao longo da nossa história fez parte do conjunto de ***Clusters***, nos nossos ecossistemas, nas montanhas do Norte e nas Planícies do Centro e Sul.

Estes Clusters são conjuntos de matrizes inovadoras no espaço e no tempo em que podemos firmar a nossa economia e modo de viver.

O primeiro que julgo dever referir é o do cavalo Iberus, filho do Vento; o cavalo Lusitano, o Puro-sangue Ibérico, o Cavalo do Sorraia, a jóia das Lezírias, vindos com as migrações Hítitas do séc. XII a. C, pois estas comunidades, têm o cavalo como principal meio de transporte, e na sua Civilização tiveram um Aqueu, Kikuli, que escreveu o primeiro tratado do mundo sobre a arte de criar cavalos.

Lembremos que foi o cavalo que muito nos fez evoluir.

Sobre cavalos temos também um tratado de Arsénio Raposo Cordeiro “O Cavalo Lusitano, o filho do Vento” edição Inapa, de extraordinária valia, e grande interesse cultural e histórico.

Na primeira página, este verso de Virgílio, in Geórgias:

**“Vede além no alto cerro a cena que aparece
Todas as éguas ao Zéfiro voltadas
Estáticas sorvendo as auras delicadas.
Basta aquilo, e acontece a miúdo este portentoso,
Sem conjugue nenhum, grávidas só do vento...”**

Muito grato a Arsénio Raposo Cordeiro por esta citação de Virgílio. É que, quem primeiro vê o “bafo de Zéfiro” é Ulisses, na Descoberta do Caminho Marítimo para a Hespérides dos pomos de ouro, séc XII a.C., relatado na Odisseia, por Homero, no séc. VIII a.C. Chamei às Hespérides – Anfiteatros de Verão Verde do Atlântico Norte – onde a floresta e os pastos atingem, com a brisa marítima, o máximo da sua capacidade genética.

Outra informação preciosa colho no citado livro, na p. 64, onde é reproduzida a cores, a Deusa Atlante – mosaico de Cartago – Museu Britânico.

“Atlante monta um cavalo de pelagem ruça ou rato de morfologia idêntica à do Sorraia e do Lusitano actual. Na pág. 119, repete nova pequena imagem da deusa, com a seguinte informação: *“Deste há milhares de anos nesta terra encantada do Vale do Tejo se repete o nascimento dos filhos do vento, com uma maravilhosa constância.”*

Este mosaico, em tesselas, foi invenção dos gregos, no séc. V a.C., nas Cíclades e os Fenícios, “Fragueiros comerciantes” contrataram certamente artistas que em Cartago desenvolveram esta indústria;

Mas os principais clientes a Ocidente eram os Cónios e os Tartessos que, com o ouro e a prata, tudo compravam. O conhecimento da deusa Atlante podia levar os nossos arqueólogos a não rotularem de romanos todos os pavimentos que temos com as espantosas imagens em tesselas?

Tal como em Malta e Goso, La Domus Romana: *“Questa casa cittadina (per multi anni erroneamente chiamata “Villa”) era un tempo collocata dentro le mura della Vecchia Melita. E dotata de átrio e di pavimenti masaicati di gusto squisito risalenti al período ellenístico:*

(II século a. C.)

Um outro texto elucidativo: *“A acrópole de Miróbriga, conhecida popularmente como o “Castelo Velho”, constitui o cerne da cidade romana e já fora importante povoado fortificado na segunda Idade do Ferro (séc. IV e III a.C.). As escavações nesta área revelaram toda uma sucessão de ocupações recuando, para já, até ao séc. IX e VIII a.C. . O que actualmente pode ser visto, porém, da intervenção romana no local, que terá destruído parte das estruturas pré-existentes para aí implantar o seu próprio programa arquitectónico seguindo padrões itálicos, embora simplificados, em meados do séc. I D.C. Estas as conclusões a que chegaram os arqueólogos americanos, contrariando a opinião de D. Fernando de Almeida, que datara as estruturas dos séc. III ou IV D.C. Para aqueles investigadores, toda a construção se processou num mesmo momento, sendo posteriormente apenas objecto de pequenos embelezamentos*

In “Breve História Do Sítio Investigações e Problemática Algumas Informações”

3 . 1 – VIRIATO NAS ALDEIAS DO ALTO DA SERRA

Mais uma vez Viriato nos elucida e tira dúvidas a nossos arqueólogos e historiadores.

Havia afirmado, consultando Vitruvio:

Na civilização castreja existem vários tipos de aparelhos da pedra: o chamado aparelho helicoidal (poligonal) da Citânia de Briteiros, o detalhe da muralha de Sabroso e o do balneário do Castro de Sanfins está, também, no muro poligonal do Santuário de Apolo em Delfos (548 a.C.) e junto da capela do Tesouro dos Atenienses, também em Delfos.

E o aparelho de ressalto ritmado, por camadas horizontais do muro do Castro de Urjais, bem perto de Centum Celas, tal como nas ruínas de Bobadela está, também, nos muros de Egostena, no Golfo de Corinto e em Priene, na fortaleza de Eleuteras, barrando a estrada de Tebas para Atenas. A arte é a mesma e o tempo també

De pequena parte, a que tenho acesso, transcrevo:

“Já a páginas 405 do 1º vol. Desta obra, na palavra Bobadela, descrevi algumas antiguidades que ainda ali existem., acrescentarei mais as seguintes – dois aquedutos que correm dos lados E. e N. ambos de arquitectura romana, um descoberto e outro soterrado; restos de muralhas, de uma calçada; e finalmente várias colunas que existem em diferentes casa da vila, que mostram ter pertencido a sumptuosos edifícios.

“Por entre estes destroços, tem-se descoberto em diferentes épocas, algumas inscrições das quais, infelizmente nenhuma indica um nome que se possa atribuir à cidade que aqui estanciára.

Ainda em 1844, em uma escavação que aqui se fez, apareceu uma cabeça humana, que mostrava pelas suas dimensões ter pertencido a uma estátua de Apolo, dos seus 4,4 m de altura.

“À distância de mil metros a sul de Bobadela, aparecem também indícios de povoação antiga, e aqui se acharam há poucos anos, dois vasos de bronze de muita perfeição, um em forma de gomil e outro piramidal, com tampa e base.

Em um campo chamado S. Bartolomeu, a seis km de Bobadela apareceram em grande espaço importantíssimas ruínas contendo grossas telhas, tijolos, alcatruzes de barro, campainhas, caldeiras de ferro muito oxidado, esculturas em pedra, e mais de duzentas medalhas de diversos cunhos.

“É pois certo ter existido em eras remotas uma esplêndida povoação. Mas não se pode dizer com certeza o seu nome. Alguns dos modernos visitantes destas notáveis ruínas, dão por fundamento ter sido Laconimurgi dos antigos, o nome de *Morúge*, que ainda conserva um dos sítios onde existem ruínas.”

Devemos confessar que se isto não é uma prova plena, dá bastante probabilidade de que *Morúge* seja corrupção de *Lacomurge*.

No *Viriato Trágico* (Canto 4º Cst.74) diz o poeta herminense:

Na vila, hoje chamada Bobadela,
Esteve antigamente uma cidade,
Que estão, de quanto fosse grande e bela,
Indicando vestígios, nesta idade,
Gastadas letras a memória dela
Conservam da ruínosa antiguidade,
E cidade muito célebre a declaram,
Se o tempo escureceu, como a chamaram.

Diz o mesmo escritor que Lacomurgui foi tomada por surpresa aos romanos, por Viriato, o antigo, e seus companheiros d'armas , os Hermínios, ou habitantes da Serra da Estrela (Hermínio Maior dos antigos.)” Era aqui que eu queria chegar!

Eu vi o aparelho de ressalto ritmado, no arco de Bobadela e perto os restos de pequeno anfiteatro, e ruínas de casas, com vetusta arquitectura, nesta vetusta povoação, nas abas da Serra a NW de Unhais, terra dos Turdulos, que no século VI a.C. colaboraram com os Gregos no que chamei colonização Greco-Turdula, na Rota Lusa do ouro e do estanho, que largamente desenvolvi e teve como capital a “Enigmática” Torre de Centum Celas.- junto à povoação de **Gaia e ribeira de Gaia.**

... SE, como diz o texto, Viriato expulsou de surpresa os Romanos de Bobadela, foi porque eles, romanos, já a haviam ocupado e não, de modo algum, fundado!!!

“O mundo – Kosmos – o mesmo em todas as coisas e nenhum homem ou deus o fez, mas foi, e será sempre um fogo sempre vivo, ascendendo-se e apagando-se por medida.”

“O deus – dia e noite, Inverno e Verão, guerra e paz, saciedade e fome – muda tal como o fogo, que misturado com os aromas, recebe um nome segundo o prazer de cada um.”

Heraclito

3 . 2 – O SI (SELF) ARIANO

O símbolo do Si (self) Ariano...

C. 3500 a. C., etnias da milenar Civilização das estepes e oásis da Euro-Ásia, falando o sânscrito-centum, que veio a fazer parte das línguas europeias, domesticaram o cavalo – inventaram o freio e os estribos, para poderem libertar as mãos para o arco e a flecha. Podiam atingir perto de 50 km/h! Possuíam já organização social comunitária, com eleição dos chefes, comércio do ouro, cavalos, couros e pastorícia.

Os mais audazes invadem as populações do Neolítico, com um feixe de sinergias em acção, rumo a um mundo a haver.



O Cavalo deu ao homem impulso anímico para actos difíceis – audácia, curiosidade, alegria, acção são sentidos por ambos, com paixão, evoluindo. Esquecemos que a colossal Muralha da China foi erguida para por termo ao ímpeto da cavalaria Mongol.

Se é a arte que caracteriza essa evolução, pensando o que o Si (self) Ariano contribuiu para a civilização Sumério-Ariana e a Indo-Ariana, com os **Vedas** (*o saber por excelência*) e os **Upanishades** (*o combate à ignorância pelo conhecimento do espírito*), foi com quem contactámos na Creta Minóica e na Atlântida.

A “Kaldera” da Atlântida, que Platão nos ajudou a desvendar, é património impar da Infância da Humanidade que nós, Pelasgos Atlantes, nunca suspeitamos, enterrado que foi na decadência em que os nossos dirigentes e seitas religiosas nos mergulharam.

Pouco convivemos com Nietzsche, que nos disse:

“É da própria natureza da obra de arte o querer possuir espaço e tempo. Possível de conseguir arrancando-o ao mundo que oprime o homem para os integrar no mundo que o homem governa.”

*A palavra fé, foi vilipendiada pelo misticismo, mas permaneceu no sentido lúdico; a fé no fanal da vida, a fé e amor à **nossa Mãe-Eva da Humanidade: A Ardipithecus Ramidus, que nos criou** e a ciência há poucos meses desvendou; fé no racionalismo.*



A MULHER AO LONGO DA HISTÓRIA

-Ardipithecus Ramidus, primeira espécie que nos separou dos chimpanzés, há 4,4 milhões de anos, na evolução, revelada pela Rev. Science de 3 de Out, 2009.

À esquerda a nossa conhecida Mãe-Negra, Pelasga-Atlante.



A nossa mãe Pelasga-Atlante, adorada na Creta Minóica e na Atlântida, as duas cobras que domina são símbolo da sua determinação, o avental e a saia mostra da sua dignidade de mãe.

O amor à nossa Mãe – Pelasga, foi tal que, quando o Santorini pulverizou a Atlântida e a nossa colonização da Creta Minóica findou, sendo Grécia a herdeira da Civilização no Egeo-Pelasgo, erguendo séculos depois o Partenon – que ao abrir as portas mostrava a colossal deusa de ouro e marfim esculpida por Phydias ... **diz a história que os velhos gregos rezavam não à deusa de Phydias mas sim lembrando a velha deusa – Mãe Pelasga-Atlante.** Lições recebidas do nosso passado ...

4

– AS OLIVEIRAS NA EVOLUÇÃO DA HUMANIDADE

“ A par da produção, e com não menor importância, temos de pensar na conservação e restauro das nossas forças produtivas e da casa em que vivemos, que é a Terra”

Tomás Moreira



Cerca de Vila Nova de Foz Côa, tal como estas na terra dos Cónios, cresceram ao longo dos milénios, entre os paralelos 40 ° e 41°, caracterizado pela meteorologia como o Clima da Oliveira.

E com razão, porque neste ecossistema a oliveira recebe a radiação solar desde Janeiro a Dezembro e muito frio nos meses de Inverno; diz o povo, é o frio que faz o azeite fino. Daí eu poder acrescentar **que o clima interior das Beiras, gerou um fenótipo que produz o azeite mais fino do País.**

As Oliveiras arrancadas quando da construção da Barragem do Castelo do Bode foram exportadas para um país da América do Sul e algumas para a frente dos Jerónimos, aquando da Exposição do Mundo Português (1940).

Desta vez, com a Barragem do Alqueva, pelo Presidente da Câmara de Oeiras, Isaltino de Moraes, vieram para o seu concelho, onde renovaram a velhice, embelezando o presente, regado com o suor dos antepassados.

Este concelho ficou outro, com diversos pequenos olivais ou só quatro ou cinco pés neste ou naquele relvado, mostrando que a velhice é bela, para quem a olha de frente e sabe pensar.

Eu envergonho-me de ler este parecer de Alberto Sampaio in “A Agricultura na História de Portugal” de Eugénio de Castro Caldas; EPN

“A oliveira nunca apresentou nenhum papel importante na economia rural, nem os diplomas a mencionam; ela existia contudo delimitada pela região na época romano-goda; a criação anterior do Appiano mostra a sua existência no Norte antes dos romanos e o seu nome já estava gravado na toponímica do Minho.”

Este parecer traduz, não a capacidade de produzir, mas a incapacidade de comerciar, como consequência da incapacidade dos Serviços Oficiais determinarem orientação para a nossa política económica, durante milénios entregue a conventos – solícitos a cobrar dízimas.

“ Na região, em roda de Lamego, duas léguas “ a soma do azeite do dízimo que há nas igrejas é de 2.900 alqueires, de modo que se colhe neste compasso 29.000 alqueires e é do bom do reino... no entanto o azeite era uma produção do Sul” (O.Ribeiro.)

È interessante notar que já Heródoto nos ensinava:

“A Vida da folha é como a vida do homem.
Vem o vento e atira com a folha ao chão;
Na floresta vigorosa nascem outras folhas, que crescem com a Primavera.
Uma geração de homens vem e outra morre.”

Vejamos como este saber de Heródoto está certo e o que hoje lhe acrescentamos.

Denominamos **Ciclo da Vida** o processo pelo qual a Natureza, pela fotossíntese, transforma a energia química potencial dos compostos orgânicos, elaborando o D.N.A. – o combustível universal da vida. A folha verde é assim um ser autotrófico – são os produtores.

Todos os animais são, somos os consumidores.

As folhas e os troncos secos, o nosso cadáver, são matéria orgânica que no solo, em boas condições de calor e humidade, por intermédio de minhocas, miriápodes, fungos, bolores e bactérias – os chamados redutores, transformam a matéria orgânica em compostos húmicos, activando os ciclos do azoto e do carbono, responsáveis pela pujança vegetal.

Daí a floresta e a biodiversidade constituírem parte integrante do ciclo da vida. Os únicos seres humanos que foram à Lua, iam bem providos de água e demais alimentos e lá não encontraram semelhantes, nem biodiversidade por carência dos Produtores e dos Redutores que integram o Ciclo da Vida...

“ A biomassa, pelas suas características: concentração de energia difusa, stocagem à temperatura ambiente e auto-reprodução, constitui um caso absolutamente único entre os recursos energéticos do Universo.

F. Robertson

Não sei onde li este autor; encontro este conceito entre velhos papéis. Ele devia figurar em letras de ouro em todas as repartições e escolas responsáveis pela floresta e pela política energética, em todas as escolas e Universidades..

O quantum energético produzido a meio da Serra, das nossas serras, pela floresta, cuidada e vigiada, mesmo com campos de golfe, equivale à energia produzida por quantas centenas ou milhares de aerodinamos, que ultimamente estão na moda?

Eu não sei, não sou perito no assunto, mas a água no alto da serra tem potencial energético, a somar à biomassa, à biodiversidade e às castanhas e bolotas...

Este belo Hino à Terra, do nosso poeta do séc. VIII a.C diz-nos melhor o que nós hoje devemos aspirar, já que o “Primum vivere, deinde philosophari! ... continua válido.

HINO À TERRA

*Cantarei à Terra, a sólida Mãe de todas as coisas, a mais antiga,
de cujo solo se alimentam todos os seres; no solo divino, no mar, viventes.
Todos os que se nutrem da tua riqueza, e voam nos ares.
Graças a ti os homens geram belos filhos e belas searas.
Ó rainha, que aos mortais doaste o bem da vida, que lhe voltas a tirar.
Feliz quem for digno da tua benevolência, pois terá sempre abundância!
Para, ele a gleba vivificada estará repleta de tesouros; nos prados,
Multiplicam-se os rebanhos, o celeiro enche-se a todo o momento!
Governa com leis justas as cidades das mulheres cheias de graça.
E a fortuna inominável, e o oiro vão em sua alçada.
Seus filhos crescem, jovens alegres, vigorosos, em flor
Suas filhas dançam nos prados floridos, sedutoras e correm na pradaria.
Pisando as maravilhosas flores.
Eis a sorte de quem amas, deusa venerável, generosa divindade!
Salve mãe dos deuses, esposa do céu estrelado |
Porque eide invocar-te sempre, em minhas orações.*

HOMERO, in “Filosofia Grega Pré-Socrática, Pinharama Gomes, Guimarães Ed.

5

– O EUCALIPTAL GIGANTESCO PIRO- MOTOR DA DESERTIFICAÇÃO.

*“ O Homem é aquilo que faz e só deve julgado
a respeito dessa força que a sua vontade livre
faz suportar ao universo, pelos seus actos .”
André Malraux*

Segundo referem os especialistas, antes da última glaciação, a floresta do nosso território era a laurisilva, sempre verde; no último período glacial; com as actuais condições meteorológicas predominantes, à floresta residual juntaram-se outras espécies: os carvalhos alvarinho e negral a N e o sobreiro e a azinheira a Sul.

Aquando das descobertas, os pinhais plantados por D. Diniz estavam em plena pujança e os carvalhais também.

D. Diniz foi o clarividente Rei que, com os castelhanos encurralados nas Astúrias e em Castela e a Sul Al Andaluz, praticando esmerada agricultura regada, viu que o futuro do País estava não no Mediterrâneo, mas sim no Atlântico.

Com larga estadia no estrangeiro, sobretudo em Paris, onde seu pai casou com uma senhora detentora de uma das maiores fortunas feudais de então, D Diniz, um dos nossos melhores poetas, reinando cerca de quatro dezenas de anos, conseguiu impor-se ao avassalador domínio clerical de então, ordenar os concelhos e visionar o futuro.

Recrutou o Genovês Pessanha, com uma equipa de vinte técnicos e deu-lhe o cargo de Almirante da Marinha. Tão bem se houve, com a expulsão da pirataria da nossa costa que, logo após o primeiro ano, o premiou com o governo da cidade de Odemira.

Plantaram-se pinhais e, passado meio século, navegávamos para além Canárias; com saber de experiência feito, construíamos os alicerces das Descobertas.

Durante cerca de um século construímos umas duas mil naus. As maiores levavam um mastro formado pela união, com aros metálicos, de oito dos mais altos e apumados pinheiros.

Admitimos que, no século XVI, as florestas de pinheiros e carvalhos das nossas montanhas tenham sido dizimadas – ficaram algumas naus, o conhecimento do Mundo e páginas de História.

No século XIX, com a criação dos Serviços Florestais, criamos no centro do País a maior mancha europeia contínua de pinhal. E, nas últimas três a quatro décadas seduziu-nos o eucalipto, árvore de crescimento rápido.

Ocorre-me que, em Angola, ao longo do Caminho-de-ferro de Benguela, do Lobito a Vila Luso, se estendiam extensos eucaliptais, por nós plantados e cuidados.

Lembra-me de ler, numa revista inglesa, referência ao *Eucalyptus Rail.way of Angola*, como único grande Caminho de Ferro do Mundo, movido a lenha de eucalipto.

Com o fluxo emigratório para os países que na Europa beneficiaram do Plano Marshall, as comunidades do mundo agrícola do nosso Interior fugiram, a salto, para esses Países, a partir de meados da década de sessenta. Os cultivos do quase alto das serras foram abandonados e não mais se limpavam as matas. Até então, o mato para fazer estrumes e a lenha para a lareira eram disputados. Depois, não mais se acartou um molho de lenha ou de mato e passou-se a cozinhar a gás, mesmo nalguns casais que ficaram a meia serra.

Veio então a indiscriminada eucaliptação do País. E sucede que, nos recentes anos de 2004 e 2005 ocorrem secas acentuadas.

O eucaliptal, cheio de pujança e óleos essências e o contíguo pinhal, prenhe de resinas, explodem em deslumbrantes labaredas, semanas seguidas ou alternadas, varrendo as encostas, ajudadas por ventos favoráveis e pela mente demente de muitos pirómanos ou de vendedores de terrenos, madeiras ou material para apagar fogos, incluindo helicópteros.

Devo acrescentar que o facto de possuímos vanguarda no fabrico da pasta de papel – o Presidente da República condecorou recentemente tal feito – não obsta a que se pense no dispêndio com o combate aos incêndios em bombeiros e helicópteros e ...nas enxurradas que a não existência da floresta provoca.

Responsável: a incapacidade de executar o reordenamento do território. Em complemento posso afirmar que, contrariamente ao que se passa no nosso país, na Bélgica a legislação para o estabelecimento destas fábricas, obriga à aprovação prévia do plano de não conspurcação dos cursos de água...

Antes, “a diversidade de árvores existentes nos bosques tradicionais, com as suas manchas descontínuas e a sua alta taxa de humidade eram factores de resistência às chamas, barreiras eficazes, à sua propagação. Sem elas as matas tornaram-se verdadeiros paióis.” Castro Henriques.

Na história dos povos abundam casos de regiões desertificadas em grande escala, montanhas e terras férteis atingindo em poucas gerações níveis irreversíveis de fertilidade, que a eliminação do coberto vegetal provocou. Mas as entidades responsáveis no nosso país, se assim pensam, não agem.

Não só os resultados estão à vista: como únicas presenças visíveis o abandono do interior e o dispêndio astronómico em artefactos de combate aos próximos incêndios.

Quer dizer, a floresta, para nós, em vez de fonte de matéria prima de baixo custo, além da sua presença física e biológica, funcionando como majestosa unidade produtora de bens, é uma fonte de encargos. À conspurcação dos rios e dos ribeiros vêm agora juntar-se os fogos estivais, para activar o êxodo do mundo rural.

Convém dizer que, ao contrário do que é voz corrente, o eucalipto não consome mais água que outra espécie do seu porte. Se dizem que seca os ribeiros não é devido à sua evapo-transpiração, mas sim às características da sua poderosa raiz aprumada, que fura a camada impermeável onde o ribeiro corria, levando o aquífero para mais baixos níveis.

F. Born, meados do século passado, em “A Terra a Saque” era acutilante nas consequências desse saque que ora a Terra sofre. Einstein leu o livro e tem o seguinte comentário:

“ ao ler estas páginas sente-se de maneira aguda a futilidade da maior parte das nossas questões políticas, comparadas com as realidades profundas da vida”.

A realidade profunda da nossa vida, com a história do piro-motor da desertificação que recentemente implementámos é a perda do controlo do território, pela eliminação do mosaico ecológico do nosso mundo rural, pela incapacidade da administração tomar medidas adequadas, que a tecnologia florestal conhece, para produzir madeiras nobres, racionalizando as potencialidades do mosaico rural, que a C.E. recomenda, proporcionando qualidade de vida e respeito pela Natureza.

Temos de criar novas mentalidades, alicerçadas no conhecimento racional, no futuro dos nossos filhos, e entretanto aprender também que, como nos diz Fernando Pessoa:

“o português apareceu na civilização como homem harmónico, mente segura e planeadora, braço apto a realizar o que ele próprio planeou. Reunia a audácia e a ciência que torna a audácia mais alguma coisa que um impulso animal de quem não vê.”

E uma prova de que assim foi, são estas palavras do grande economista brasileiro Celso Furtado:

“Coube a Portugal a tarefa de encontrar uma forma de utilização económica das terras americanas que não fosse a fácil exportação de metais preciosos. Somente assim seria possível cobrir os gastos da defesa destas terras.

Este problema foi discutido amplamente e a alto nível, com a interferência de gente da estirpe de Damião de Góis – que via o desenvolvimento da Europa contemporâneo com uma ampla perspectiva. Das medidas políticas que então foram tomadas resultou o início da exploração agrícola das terras brasileiras, acontecimento de enorme importância na história americana.”

O Ciclo da cana do açúcar foi um notável e complexo **cluster**, no que respeita à produção da cana, engenhos, energia, gestão de empresas, transporte terrestre e marítimo, comércio e refinarias – estas sedeadas em Lisboa.

Um outro recente exemplo de que a irracionalidade não é da responsabilidade do povo, de que este sabe reagir quando têm oportunidades, foi a coragem com que ele, povo, fugiu a salto para França na década de sessenta, do século passado.

Os caminhos de ferro, construídos no início do século, ligando a faixa litoral ao interior, continuaram, no meio século Salazarento, a nada transportar para onde o cimento e o ferro não eram consumidos, nem havia casas de banho ou mobílias, no mundo rural e muito pouco no urbano.

No entanto, a preços tabelados, os comboios levavam do interior para a faixa costeira o azeite, o vinho, as batatas, as frutas e os cereais, as madeiras, os queijos, borregos e cabritos e ainda, além dos impostos clássicos, o das licenças para ter cavalo ou burro, para ter cão ou isqueiro (havia fiscais da licença dos isqueiros).

No actual ordenamento territorial convém lembrar estes exemplos, bem mais difíceis do que obrigar as Celuloses a restaurar a fertilidade nas encostas da Beira, com vocação para a produção do tal *azeite fino* que as condições edafo-climáticas, em novos socos ou patamares, podem produzir.

De modo algum estamos contra a próspera indústria do papel, em fase ascendente. Só que ainda estamos a tempo de converter os actuais **“mortuários” de eucaliptos** das encostas beirãs voltadas ao Sol, **com o clima da oliveira**, sejam recuperados e que se constitua um *Cluster* mobilizando as referidas terras de montanha, tal como a C.E. preconiza.

Recuperando paisagem humanizada, actividade agro-pecuária e silvícola, turística, piscatória, conciliando produção e lazer, caça, pesca e porque não golfe; colhendo a melhor azeitona, seleccionando e enfrascando-a, levando a outra ao lagar.

Nunca soubemos aproveitar racionalmente o nosso agros, com a floresta, a oliveira, a alfarrobeira, o castanheiro ou a modesta couve galega, riquíssima em químicos essenciais, base da sobrevivência milenar das comunidades rurais, por notória carência técnica, no nosso ruralismo.

5 . 1 – COMO ARREPIAR CAMINHO NESTE SECTOR?

“ No fundo, todos os seres humanos normais e até muitos anormais, são geniais e estúpidos, bons e maus, egoístas e solidários, em síntese actuam com os mesmos operadores, os quais têm oportunidades diferenciadas de funcionamento, em função das condições envolventes, materiais de facto.” D. Delinguer

Numa época em que está em causa ao desmesurado peso dos consultores da Administração Pública, o inútil e inoportável dispêndio da compra de dois submarinos, da absurda desigualdade social nos países de vanguarda como nos do Terceiro Mundo – **porque não, eliminar o actual caos neste sector, de prevenção e combate aos fogos estivais, entregando a sua gestão às Forças Armadas que possuem já sofisticados equipamentos nos domínios da Aviação, Construção de pontes e estradas, Engenharia e, sobretudo capacidade de Gestão Integrada?**

Não fica diminuída a mística dos Bombeiros. Vejamos, a partir de dados colhidos no “PÚBLICO” de 28 de Abril de 2011:

2010 foi dos piores anos; com vinte e um mil e quatrocentos e vinte e quatro fogos, arderam 128.842 ha

Frota aérea: 25 Bombardeiros ligeiros; 10 médios; 5 pesados
 8 AVIÕES: 8 Bombardeiros Ligeiros; 5 médios; 2 pesados;

HELICÓPTEROS: 56

Opiniões dos responsáveis:

*“Era importante que houvesse um dispositivo de combate a incêndios florestais”
Ass. Duarte Caldeira*

“Vamos equacionar um dispositivo mais flexível”

Ass. General Arnaldo Cruz

Julgo não ser necessário gastar mais cera.

Em época de crise não podemos ter absurdas actuações como a compra de dois submarinos e, ainda há uma dúzia de anos, oitocentos brigadeiros com carro e condutor para transportar as respectivas esposas às lojas de modas.

Lembro que quando, há tempos, invectivavam o exército pelo elevado número dos seus quadros, a resposta certa foi esta: olhem para os Serviços de Agricultura...

Hoje olhem para o número de deputados, de assessores, de carros de alta cilindrada; um escândalo só ultrapassado pelos vencimentos múltiplos de certos gestores.

6

– “ATRÁS DE SERRA”

É assim que os beirões da Cova da Lã, onde o Sol, ao nascer alumia toda a extensa encosta da Serra, denominam o território que desce para lá dos altaneiros Cântaros, “onde a terra acaba e o céu começa” (Camões) e os pastores dizem que as águias fazem ninho.

É neste ecossistema que nasce e corre o rio Alva, afluente do Mondego a Norte de Penacova, já em frente da Serra do Buçaco.

Desta vez temos um estudo, embora incompleto, da Arqueologia, que vamos referir, até porque ele tira dúvidas sobre, sobre a vetusta origem de Bobadela...

Trata-se de “As origens do povoamento na bacia do Alva” de Jorge Alarcão, Maria da Conceição Lopes e Maria Helena Moura.

Refere ... “Os primeiros povoadores do Alva podiam ter sido atraídos pelo ouro da região, quer o que podia colher nos terraços ou nas areias do rio Alva, quer o que se podia explorar nos xistos de Góis. Carece, porém, de demonstração, a existência de uma elação directa entre as bacias do Alva e do Ceira.

Os dólmens de S. Pedro Dias e dos Moinhos de Vento constituem directa prova de que, no Neolítico ou no Calcolítico incide, se começaram a trilhar alguns caminhos fundamentais da Beira.”

... “A ocupação da bacia do Alva por populações indo-europeias, na Idade do Ferro, parece atestada em primeiro lugar por elementos de natureza linguística.”...
...

“Talvez o étimo do hidrónimo seja Alba e o de Alvoco, Alboco ou Albocolo (17), mas a origem pré-romana é incontestável, a fixação de elementos indo-europeus na região, indesmentível.”

Refere depois largo conjunto de castros, menires e dólmens, perdendo-se, em considerações sobre D. Afonso Henriques, hodiernas e numerosas referências bibliográficas.

Desse conjunto fazem parte: dólmens de Poiares; Moinhos de Vento; gravuras rupestres da Pedra Letreira (freg. de Alamares); as Minas da Eira; Moinhos de Vento; primeiro povoado de Alva; o idolo de Relvas; conjunto de peças de bronze com machado de talão com dupla aselha e fragmentos de foice, conjunto talvez de séc VIII a.C.

De muito interesse é o trabalho do Arqueólogo Dr. Castro Nunes, doutorado por Coimbra e leitor de Português nas Universidades de Compostela, Barcelona e Salamanca, especializado em estudos de Arqueologia, Pré-História e linguística.

Em 26 de Novembro de 1966, publica no “Diário de Coimbra” o seguinte artigo.

- “Um dólmen cuja origem remonta a 4.000 anos,
FOI LOCALIZADO E POSTO A DESCOBERTO
Próximo ao Pinheiro dos Abraços
No entroncamento das estradas OLIVEIRA DO HOSPITAL-
TRAVANCA DE LAGOS-BOBADELA”

Sete anos depois, escrevia o ilustre arqueólogo no mesmo “Diário de Coimbra”:

... .. “Publicada a obra fica o espólio à disposição das entidades competentes. Não me cabe a mim deliberar. Só que me parece descabido que, para o albergar se crie um museu expressamente. Não seria então propriamente um museu municipal, nem sequer de freguesia; seria apenas o Museu da Anta do Pinheiro dos Abraços. Sim, porque se até esta altura ninguém reclamou os inúmeros e igualmente valiosos materiais arqueológicos levados do concelho para museus do Estado ou simples colecções particulares, quem terá agora a peregrina ideia de reivindicar, exigindo o seu retorno? Se ainda ao menos o espólio da anta tivesse esse condão | ...

Enfim, Senhor Presidente, eu sempre alimentei a esperança de um dia, à falta de solução melhor, se vir a organizar um Museu Regional das terras ribeirinhas do Alva e do Mondego, em cujo âmbito se tem processado a maioria dos meus trabalhos de investigação arqueológica. Trata-se de uma extensa região, dotada de incontestável unidade cultural, cuja expressão há-de necessariamente do estudo conjunto dos vários e numerosos concelhos que a integram.”

E não sabia o Doutor Castro Nunes que o Dólmen do Pinheiro dos Abraços, tal como os inúmeros Castros foram construídos, pelos nossos Avós – Pelasgos-Atlantes, que, tempos depois, colonizaram a Sardenha e o “Egeu-Pelasgo”, erguendo em Micenas o famoso **Tesouro de Atreu**, de corredor e cúpula à imagem e semelhança desta Anta de Pinheiro dos Abraços e de muitas outras, idênticas, que temos, sobretudo no Alentejo e Algarve.

Também foram os nossos avós que em Micenas ergueram a porta da cidade, com dois menires ao alto, suportando como arquitrave uma lage com cerca de vinte toneladas, com um nicho, de duas pedras em triângulo desviando o peso cimeiro para os menires ao alto, ornado com dois leões, frente a frente, de pé, dando o nome ao conjunto – a Porta dos Leões de Micenas, foi projectada e erguida por nossos avós, Pelasgos-Atlantes, dominando a Creta-Minóica e o “Egeu-Pelasgo; até que o colossal vulcão Santorini, c. 1200 a. C. pulverizou a ilha gémea, a Atlântida.

Ver na GOOGLE uma fabulosa foto da Kratera ao lado da actual ilha de Santorini, tirada de vinte e tal quilómetros de altitude.

Os Castros, Menires e Antas erguidos *“at Lusitânia .. que mare Atlânticum Spectat”*, bem como os Palácios Minóicos (c. 1900 a. C.), levaram o Pelasgo-Dórico Homero a apelidar-nos de Ciclopes, na Odisseia – que descreve a vinda de Ulisses de visita aos

Cónios, Tartessos e Turdulos, que no séc. XII, após o colossal desastre de Santorini regressaram à Terra dos seus e nossos avós.

São descendentes destes Turdulos que colaboraram na colonização Greco-Turdula do século VI a. C erguendo, na Rota Lusa do Ouro e do estanho, a “Enigmática Torre de Centum Celas e o Primitivo Templo de Almofala.

Essa sociedade veio da Magna Grécia, onde Pitágoras havia criado, uma Sociedade Esotérica dedicada à Geometria, Astronomia e Música.

Falta-me referir porque existem poucas antas de corredor e de falsa cúpula à volta da Serra, enquanto que no restante País ainda existem, conquanto sem o devido respeito.

Foram o isolamento, a lonjura ao mar, a falta de meios de comunicação, de comércio, o analfabetismo, a incapacidade e ignorância dos Serviços de Arqueologia, o abandono do meio rural, os responsáveis.

Pormenorizo no trabalho: “Os Celtiberos-Pelasgos “de lá pétrea muralha de Gredos à Cova da Lã, à luz de novos conhecimentos.”

O Mapa Espagne Ancienne refere o povoado de Tribole no Meridiano 9,5, um pouco a N de Elioboris (Celorico da Beira), onde o Mondego curva rumo ao Atlântico.

Viriato venceu a melhor cavalaria romana, vinda como último recurso, porque os Lusitanos e Viriato conheciam bem todos os trilhos e caminhos do território serrano, e foi o burro dos almocreves que os abriu, desde os primórdios da ocupação; conhecimento a que eram alheios os invasores romanos.

O eng. britânico Alexander Thom refere que os monumentos megalíticos tinham por missão a previsão do movimento dos astros, acentuando o ritual das comunidades nas festas das colheitas e sementeiras.”

...”Que sabemos nós, sobretudo da Península contemporânea do Império Tartéssico? De onde vieram e como se sumiram os seus povos’

No entanto sabemos que os túmulos micénicos de falsa cúpula são réplicas aperfeiçoadas dos rudimentares túmulos da Península do período eneolítico” (2400 a. C.

...”Em Portugal, três em Alcalar, Algarve, em nichos de câmara tal qual como em Micenas e dois em S. Martinho (Sintra).

Um Império com a importância da Tartéssia, não podia ter nascido de um jacto. Os Turdetanos e Tartéssios reputados como os mais sábios dos seus povos, possuem uma literatura que lhes permitia arquivar a história dos antigos tempos.”

...”A expansão helénica foi muito maior que o suposto. Foi grandiosa na Ásia Menor, na Itália, na Ibéria e no sul da França. Esta dispersão tão evidente leva-nos a recordar a talassocracia Cretense e os misteriosos Pelágicos, ousados navegadores e vagabundos a que, desde a Antiguidade se procura descobrir as origens mas que, apesar de tudo, ainda não foram encontrada.”

In Mapa Comparativo dos Alfabetos de algumas Inscrições Ibéricas de Rogério de Azevedo (autor português que mais impulsionou o meu trabalho)

8

– A ARQUITECTURA SEM ARQUITECTOS

“... a arte é a própria linguagem muda com que, através dos tempos, a natureza tem falado ao homem.”

Abel Salazar



Una das 250 ilustraciones en blanco y negro; 25 a todo color de “GREDOS por dentro y por fuera” de Cayetano enríquez de salamanca; Madrid, MCMLXXV

Esta bela Arquitectura sem arquitectos, em centenas de imagens, velhinha de séculos – desde o refugio da fuga aos Romanos, já aliados com a Igreja Católica – deve merecer-nos todo o respeito, pelo isolamento a que durante milénios foi votado o seu ecossistema e a selvajaria que a Inquisição neles exerceu.

Esta imagem, tradu-la magistralmente MIGUEL DE UNAMUNO, mas vejam com vossos próprios olhos:

Com admiração seleccionamos uma dessas fotos que semelhante às aldeias da beira da minha Serra da Estrela. Lá está o macho em merecido primeiro plano, pois já teve honras de constar no estandarte da cidade de Ur, bordado a ouro em seda, cerca de três mil anos a.C.

- como fundo um palheiro com parede em pedra, terminando em taipa, suportando o telhado. Os prumos, suportes das varandas, uns são em pedra, outros em rijo tronco de carvalho;

- o que mais me impressiona é, na casa do fundo, o tecto do segundo piso, que também faz parte da rua, estar cheio de resteadas de cebolas, penduradas, a secar.

Julgo que as portas não tinham fechaduras, mas sim uma cravelha de pau, tal como sucedia com os Etruscos; na minha aldeia beirão também, ainda vi tais cravelhas, tais casas, tal vida!

- Junto ao primeiro pilar da imagem, à direita uma mesa com cadeiras à volta, talvez uma mãe ou avó a ensinar a tabuada.

A respeito de tabuada, nós aprendemos a tabuada decimal, enquanto que os chineses e os Japoneses, que presentemente comandam o mundo, decoram, desde os primeiros anos escolares, a tabuada vai até aos 19. Quanto é 19 x 13? Nós, ocidentais, não vamos lá, ensinaram-nos sim o Padre Nosso e a Salve Rainha, os referidos países, que hoje comandam o mundo, sabem!

O Padre Himalaia, primeiro Prémio em Física na Exposição Universal de St. Louis, 1900, U.S.A., natural de Arcos de Vale de Vez, falecido em 1935, disse-nos já :

“Nós não somos unicamente o país idílico dos analfabetos: somos sobretudo o país das ilustrações ocas, teóricas, nulas, supremamente prejudiciais.”

Os nossos jovens ficam a saber muito pouco fora da sua especialidade, desconhecem as mais elementares leis que regem o mundo, o raciocínio lógico; com facilidade são arregimentados por seitas religiosas, por falta de maturação de personalidade, ética e sociabilidade.

“ A sinceridade intelectual distingue-se com dificuldade do amor da verdade; é mais clara a distinção entre os defeitos que lhe são contrários. Uns acostumam-se a ignorância por preguiça do espírito, outros aceitam o erro em virtude de não compreenderem o inestimável preço da verdade e não possuírem o amor dela. A uns falta a coragem, a outros a honestidade. Os primeiros são uns pobres de espírito, os segundos espíritos mal formados. Estes podem ter uma vida intelectual intensa, comprazer-se no jogo das ideias, gozar com a actividade do seu pensamento, do seu engenho, da sua fecundidade, aqueles ficam inertes. “ E. Goblot

Uma cultura, vinga num ecossistema, fruto de três fundamentais factores: o território – *“at Lusitânia ... que mare Atlânticum spectat, o homem e a Tradição.*

Socorro-me de um nosso contemporâneo para análise final

“ Ah Portugueses, se nós soubéssemos quem somos ”

Almada Negreir

**– O TESOURO DA FLORESTA
NO ECOSISTEMA DA MONTANHA**

Na nossa Serra da Estrela temos os Kantharos – batizados pelos gregos, com esta subtil metáfora, dando origem a três formosos rios, o Mondego, o Zêzere e o Alva, quando ergueram A “Enigmática” Torre de Centum Celas

As condições ecológicas predominantes em dada região constituem um recurso natural omnipresente. Acima do paralelo 40 temos no nosso País a zona de influência das altas pressões dos Açores, que com as suas massas de ar marítimo provocam precipitações do Outono à Primavera na faixa costeira – é, segundo Orlando Ribeiro, a região Norte-Atlântico.

Essas massas de ar chegam menos húmidas às zonas de montanha criando aí o clima Norte-transmontano – de menores precipitações e mais árido.

A sul, a zona dos anticiclones tropicais influencia, com as suas massas de ar quente e seco a região mediterrânica de Verão longo e seco e fracas precipitações., denomina-o Clima Mediterrâneo.

Contrariando o geógrafo Orlando Ribeiro, que também classificou os beirões atrás dos rochedos de *arcáicos*, julgamos mais acertado considerar uma zona de transição entre os paralelos 40 e 41°, referente às Beiras. Fortemente ***influenciadas durante o Verão pela brisa marítima***, resultante de, no Verão, o aquecimento dos Cântaros ser mais elevado do que na foz do Mondego; daqui resulta a brisa marítima – massas de ar húmido que trepam a montanha, rente ao solo, provocando condensações e pré-condensações na Floresta e culturas da encosta, rumo aos Cântaros.

É, em linguagem de classificação climática, o clima da Oliveira!

Chamei a estas zonas Anfiteatros de Verão Verde, povoando todo o Atlântico Norte, onde a floresta e as culturas atingem, então, o valor máximo da sua capacidade genética.

Noutro lugar abordaremos este fenómeno meteorológico que, na Madeira como nos Açores leva ao alto das montanhas a pujança vegetal, condensando na laurisilva e originando as nascentes de rios e ribeiros. Na Madeira chamam-lhe embate e proporcionou ao seu povo a gigantesca abertura na rocha dura de quilómetros de levada, para regar a cana do açúcar, a batata doce e as bananeiras.

Na nossa Serra da Estrela temos os Kantharos – batizados pelos gregos que ergueram A “Enigmática” Torre de Centum Celas dando origem a três formosos rios, o Mondego, o Zêzere e o Alva.

Só conheço duas recentes grandes intervenções na Serra: Quando o Dr. Joaquim Monteiro, natural do Lugar do Ferro, advogado aos 22 anos, foi Presidente da Câmara Municipal da Covilhã – com um Busto no velho Hospital, que então criou, convidou um tio a plantar a Floresta à volta da cidade. (mais tarde foi Governador Civil em C. Branco).

O outro exemplo é de no alvor do séc. XIX . Dr. José Maria de Mendonça Mexia Almeida Barbarino, Juiz de Fôra, da cidade da Guarda mandou plantar nas Serras à volta 5.000 amoreiras, 806 alqueires de panisco, 10.000 castanheiros e freixos.

O estuário do Mondego -1515 há, o Planalto superior da erra da Eatrela e a parte superior do Zêzere desde Dezembro de 2005 fazem parte da Convenção de Ransar, como zonas húmidas mais importantes do Planeta, reservatórios de biodiversidade de elevado valor e sensibilidade. A quantidade de lodos transportados é tal que Miguel Leitão Andrade, no seu livro “Miscelânea” Ed. do séc. XVII nos diz que Conimbriga era então Porto de Mar.

Na Meseta Ibérica o sistema Castelhana prolonga-se com as Serras da Estrela, da Lousã e a do Açor que com a sua cascata é uma reserva natural que por ser durante séculos domínio abandonado de um bispo, preservou a floresta e biodiversidade original, primorosamente descrita por Jorge de Paiva in Parques e Reservas Naturais de Portugal Ed.Verbo.

A Serra da Estrela, de dorso escavado, nele se erguem os Cantaros Raso, o Magro e o Gordo, sobranceiros á Nave.

Em largos circos escarpados que os pastores denominaram Covões nascem os três rios: O Mondego, o Alva, seu afluente e o Zêzere que desce a direito no característico Vale em U de cerca de 15 Kms, rumo a Manteigas.

O Zêzere, junto a Belmonte muda de direcção, rumo à Cova da Beira, onde deposita o equivalente ao depósito do Mondego, mas em menos escala, por menor ser o seu curso.

Do outro lado dos Cântaros os glaciares rasgaram o leito da ribeira de Loriga, forma a lagoa e o Covão das Quilhas, Covão da Nave e daí, em linha recta passa o Covão da Areia rumo ao Vale de Vide onde se junta à Ribeira da Alvoco, vinda do Covão de Ferro, entrando no rios Alva.

Quero, com esta pequena descrição chamar a atenção para a riqueza de contrastes do alto da Serra.

Num anterior trabalho “ A Serra da Estrela e as suas Beiras” de 1979, profusamente ilustrado, espraio-me por toda a Serra, nas belas lagoas onde minhas filhas e filhos aprenderam a nadar

9 . 1 – AS FONTES DO ALTO DAS MONTANHAS

“La Nature frémi et parla consterne”

...

Os Gregos da Pré história associavam o culto de Gaia – a Terra-Mãe, servida por ninfas– jovens e belas mulheres – às fontes que brotam no alto das montanhas, originando rios; ofereciam-lhe os primores que a terra produzia, em luzidias festas com música, poesia e canto.

“O cantor Trácio Orfeu, com o seu alaúde,
Fazia as árvores e os cimos gelados das montanhas,
Vergarem-se quando ele cantava;
...na doce música há tal arte,
matando afecto e amor dorido.
Adormece ou morre ouvindo. “

Shakespeare

Byron visitou Delfos, em 1809 e escreve:

“Ao dirigir-me à nascente de Kastri, vi o voo de doze águias. Na véspera tinha composto alguns versos para o Parnaso; ao contemplar as aves pensei que Apolo havia aceite a minha homenagem”

“Porém, ali vagueei, pelo regato gabado;
Sim! Olhei por sobre o escrínio abandonado em Delfos.
Onde, à parte aquela ténue nascente, tudo está quieto...”

Em 1204 a Quarta Cruzada havia por ali passado, destruindo muitas obras de arte, fundindo estátuas para cunhar moeda. A fonte ficou!

O tempo passou, mas a memória da civilização grega e da Creta Minóica, da sua arte, génio, arquitectura e modo grego de pensar é bom recordá-los.

Os gregos, devem ter sido encaminhados para a Rota Lusa do Ouro e do Estanho, pelos Túrdulos, do decadente Reino dos Tartessos, onde, segundo Estrabão, produziam já trigo, vinho e rico azeite, que ao Fenícios comerciavam; fundaram então o rosário de povoados que ainda hoje estão presentes, à volta da Serra da Estrela.

Deram o nome de Gaia à ribeira que vinda das costas da cidade da Guarda – de onde partem três bacias hidrográficas: esta do Zêzere, a do Mondego e a do Côa, que vai ao Douro – e igual nome ao povoado à milenar exploração de estanho, a céu aberto; e ainda chamaram Caria à Vila próxima (de Cária, zona da Anatólia, onde então prosperava a cidade de Mileto, com Talles e a sua Escola criando os primórdios da ciência.).

Muitos outros vestígios há, da sua estadia, a alguns farei referência. No entanto, o IPPAR deu, os *achados*, sem justificação, como romanos!

Apesar de todos estes factos, que pormenorizadamente tenho investigado, eis que, neste início de 2007, descubro que na Grécia Antiga, os Gregos chamavam **Kantháros** àqueles enormes rochedos que caíam a pique no *estreito das Termópilas*.

Dedução lógica: foram os Gregos que baptizam de Cântaros, aqueles enormes fragedos, no alto da Serra da Estrela, que, dizem os pastores, falam às estrelas e onde as águias fazem ninho e têm a criação; e, entre alguns outros poetas, Camões diz deles: *é onde a terra acaba e o céu começa*.

Mas, os Cântaros eram idolatrados porque deles jorravam fontes, porquê ?!

Os Cântaros da Serra da Estrela, há milhares de anos, romperam com forte pujança sísmica a Placa Ibérica, formando cadeias de montanhas, sendo posteriormente sujeitos ao poder dos Glaciares que moldaram toda a parte superior da Serra e rasgaram o leito dos seus rios – orografia que desempenha um papel fundamental no ecossistema que constitui.

Al Gore esteve nestes dias de visita ao nosso País, um só dia. Fez uma conferência, cobrou mais de um quarto de milhar de euros, por ter tocado o sino.

O problema dos Cântaros, o reconhecimento da brisa marítima que Ulisses detectou nas Hespérides dos Pomos de Ouro, na Foz do Tejo, onde deu nome à cidade: Ulissipo., é nosso. Tive a feliz ideia de denominar **Anfiteatros de Verão Verde** à bacia hidrográfica dos grandes rios, dos Cântaros à foz. No Atlântico Norte estes anfiteatros vão da Ilha da Madeira ao Mar do Norte.

Nestes Anfiteatros de Verão Verde, bafejados no Verão pela brisa marítima, a Floresta e toda a biodiversidade atinge então, com o calor, a humidade e as mesopotâmias (terras de aluvião, entre dois rios ou ribeiros), valores máximos da sua capacidade genética.

Os Cântaros, jorram água, além da chuva que retêm, porque ao condensarem, na sua superfície fria, água de nevoeiros, esta se infiltra um pouco e muito nalguns lisos, e, ao penetrar, pode encontrar calor suficiente para passar ao estado de vapor e mais se embrenhar até passar definitivamente ao estado líquido. Então por gravidade, flui e, ao longo do tempo, cria canalículos – autênticas veias e artérias que reveste com uma argila muito fina e que me parece um pouco oleosa, que as impermeabiliza. Nas explorações que fiz, em minas e poços, procurávamos essas veias, muitas vezes em rochas graníticas, tratadas a dinamite.

Ao longo de milénios, o sistema de veias dos Cântaros tornou-se dinâmico, dando lugar à fonte. A pressão com que a água sai, logicamente, activa a saída ao débito que lhe convém. Como vimos, sabendo um pouco de Física, facilmente deciframos o enigma, reconhecendo as leis que fazem parte da sua identidade, que não fica por aqui.

Felizmente, os rústicos colonos madeirenses vêm ajudar-nos a compreender o caso das nascentes no alto da montanha, com duas inteligentes surpresas: construíram, a pico e marreta, as famosas levadas que, coladas à montanha, desde há séculos transportam a água das suas nascentes para as encostas das courelas – uma obra da arte é uma invenção do espírito humano que se vê, admira, esculpida na Natureza; a segunda surpresa não é de menor valia: descobriram um fenómeno da natureza e deram-lhe um nome seu, na sua língua, que foi incluído nos dicionários: chamaram **embate** à brisa do mar que, pelo vale, sobe a montanha e nesta até ao alto condensa, nas folhas da floresta, infiltrando-se no solo; (li o nome e significado no Dicionário da Língua Portuguesa, por Almeida Costa e Sampaio Melo, 5ª Ed. Porto Ed.).

É de facto a brisa marítima, fonte quente que, pelo vale acima, *embate*, na fonte fria da massa foliar da floresta até aos Cântaros, condensando.

Vi imagens de uma bela cascata que, lá no alto da montanha, cai a prumo, a toda a sua largura, na levada que a recebe – larga de cerca de um metro – depois, desce serpenteando. Este quadro vivo dá-nos, com música de ritmo e sonoridade sublimes, a tranquilidade e harmonia, que os génios da Natureza, e o do homem, nele quiseram imprimir, *ab eterno*.

“A Serra da Estrela é a mais elevada cordilheira portuguesa; é o prolongamento da espinha dorsal da Península; é a divisão das duas metades de Portugal, tão diversas de fisionomia e de temperamento; é afinal como que o coração do País – e acaso nas suas quebradas e declives, pelos seus vales e encostas, demora ainda e genuíno representante do Lusitano antigo. Se há um tipo propriamente português; se através dos acasos da história permaneceu puro algum exemplar de uma raça ante-histórica onde possamos filiar-nos, é aí que o devemos procurar”
Oliveira Martins.

Calhou-me descobrir que nós Portugueses somos, na grande maioria, Pelasgos-Atlantes miscigenados. Não é certamente por ser beirão que tenho dois filhos e dois netos com abundantes pelos, da barba às mãos e aos pés. E podemos ver, de N a S do País, mulheres com abundantes pelos nas pernas e bigode, mas os nossos cientistas nada dizem.

O meu interesse, de momento é relacionar a Floresta com o facto de a Serra ser a Mãe de Água do País, suportando e infiltrando as chuvas e condensando os nevoeiros; alimentando um substrato de cerca de 30 cm, a que se chama solo – onde minhocas, miriápodes, fungos, inúmeras bactérias transformam a matéria orgânica seca e os cadáveres em produtos húmicos, de imediato absorvidos pelas plantas, nos ciclos do azoto e do carbono.

A restante água infiltra-se no terreno, escorrendo em camadas freáticas, aqui e além criando nascentes nas encostas ou belas cascatas.

Podemos assim dizer que a floresta vive dela própria – pujante no que denominei Anfiteatros de Verão Verde, atingindo valores máximos da sua capacidade genética.

Até cerca da altitude de 900 m a floresta da nossa Serra foi dizimada por uma agricultura milenar, hoje quase ao abandono; de novecentos a 1500 metros foi domínio do carvalho negral, do carvalho alvarinho e do castanheiro; acima dos mil e quinhentos metros é domínio do zimbro, da carqueja e de pastos de cervun, que durante milénios possibilitaram a transigência.

9 . 2 – A CURA ENDOVÉLICA O MILAGRE ...

Há cerca de dois anos, com a esposa e uma filha, participei numa excursão ao Alqueva, organizada por uma Associação ligada aos Serviços de Arqueologia. Dignou-se dirigi-la o ilustre Director professor Luís Raposo.

Entre os agradáveis passeios, uma manhã foi dedicada ao Monte Endovélico – S. Miguel da Mota, Alandroal.

As semanas anteriores haviam sido chuvosas e o caminho, de c, dois a três quilómetros a partir do asfalto estava intransitável para o autocarro. Utilizou-se um jipe e uma camioneta de carga, mas alguns subimos a pé.

Ocorre que a meio caminho o monte faz uma lomba que o vento aproveita para soprar transversalmente, com alguma intensidade. Nesse lugar existem as ruínas de duas pequenas casas, há muito sem telhado,

Como minha mulher estava com uma tosse de semanas, muito forte, aconselhei-a a ficar por ali, detrás duma parede da casa, sentadinha, com uma bela paisagem a seus pés, soprando o vento ao lado rumo ao seu destino...

Passado umas duas boas horas regressamos todos ao autocarro, a horas de almoço, e minha mulher constatou que a terrível tosse lhe havia passado sem ter ingerido quaisquer comprimido.

O Milagre Endovélico foi um facto e tal comunicámos à caravana!

Sucede que, passados dois ou três anos, fui há dias a Évora que me encantou pela sua antiguidade, asseio e gastronomia. E daí rumamos para Moura onde passamos o resto do dia.

Sede de concelho com oito freguesias, que não avistei no altaneiro, belo, deslumbrante, pequeno e cuidado jardim, que é a sala de visitas da cidade,

A água que brota das fontes do castelo e do belo chafariz da Praça é termal, o azeite colhido no agros, hoje aumentado em milhares de hectares, com a água da colossal Barragem do Alqueva são os produtos apontados para o futuro, não falando na diversidade dos vinhos de marca já existentes.

Ao ver a limpeza das ruas, o passeio em frente das casas ocupado com cadeiras, onde se repousa e trabalha; um pequeno Hotel, um café e nas residências antigas as abobadas em tijoleira, característica da Casa Alentejana, que beneficia da temperatura do solo; e sobretudo ao ver dois ou três grandes grupos de jovens acompanhados pelas suas professoras – cheios de vida e saúde ... sentado no jardim, respirando o ar vindo do horizonte, eu disse e repito: **o ar que aí se respira é Endovélico,**

Tal como o que se respira nas abas da Serra da Estrela, nas Penhas Da Saúde ou onde foi construído o Sanatório dos Ferrovieiros, ora em reconstrução pelo arquitecto **Souto Moura**, de quem, pelo nome próprio que é seu, temos de esperar uma bela construção com ares endovélicos.

Etimologicamente: *Endo* significa interior e *véllico* pode ter a ver com velar; assim bete certo: quem vela pelo nosso interior, não é nenhum Deus mas sim ***o ar puro - Endovélico!*** Os sítios onde se respira ar Endovélico são estâncias de férias e o nosso país têm muitos, a que temos de dar elevada qualidade, integrados numa poderosa Indústria do Turismo Cultural, acompanhada de racional ocupação do Território com a Floresta e actividades de ordem agrícola.

De notar que o bem estar ao respirar o puro ar Endovélico, também resulta de, em férias, termos deixado o trabalho e as preocupações em casa, alimentar-nos com mais regularidade, juntando ao dia, convívio, agradáveis passeios e exercícios físicos.

No caso dos santuários Endovélicos dos nossos avós, temos de lembrar que as curas eram sobretudo nos jovens filhotes, atreitos a males do foro respiratório. E soube há dias uma novidade: os pés também respiram. Os Chineses mesmo na época fria, agasalham bem o corpo dos filhos, mas os pés ficam ao léu; as nossas avós usavam tamancas com solas de madeira e o pé em movimento dentro delas, tal como nos meses de Verão são moda as sandálias sem meias, nos dois sexos.

Para terminar lembro António Sérgio, que já nos dizia:

“como se vê, o racional “império” em que nos cumpre pensar é o império exercido por nosso espírito sobre as condições naturais do ambiente físico, afim de redirmos finalmente o povo dessa extrema miséria em que ele tem vivido... o plano de vida que mais nos convém é o plano de vida qualitativo e intensivo e não quantitativo e extensivo, como foi tradicionalmente até agora.”

Abel Salazar também nos diz:

“ É longa a decadência em que entramos desde o fim da dinastia de Avis. Por decairmos, decaíram paralelamente o indivíduo português e o Estado, administrado por esses indivíduos. E decaindo o individuo e o Estado, deixou de haver consciência superior de nacionalidade e dos fins nacionais, porque um povo decadente, servido por Estado indiferente, a não pode ter; deixou de haver cultura geral, porque nem o Estado educava, nem nos indivíduos havia, por decadentes, o interesse civilizado pela cultura” ... “ produto de dois séculos de educação fradesca e jesuítica, seguida de um século de pseudo-educação confusa, somos vítimas individuais de uma prolongada servidão colectiva”

“A crise central da nacionalidade portuguesa deriva da sua impotência para formar escóis. “ O resultado psíquico de uma falta de educação é a ignorância, a estupidez, a falta de interesse, a carência de atenção e de vontade.”

É necessário ler Abel Salazar...

Temos, nas beiras da Serra, um Território – Museu, com Património histórico da Infância da Humanidade impar, o que possibilita cuidada intervenção da Unesco e da União Europeia. Não é pois oportuno a Câmara de Manteigas pensar eleger como tal, unicamente o Vale em U que os Glaciares rasgaram, nos domínios que não são seus, mas sim da Serra.

A implantação da Indústria do Turismo Cultural, extensiva aos valores patrimoniais do Território – Museu tem a ver com o ordenamento do ecossistema – da Floresta e do Mundo rural, com a introdução das novas tecnologias.

– O ÀMANHÃ

Pelo cariz do presente, a Universidade da Beira Interior está fortemente imbuída do acesso ao conhecimento,

As nossas Universidades mudaram drasticamente, sobretudo com o recente, programa da responsabilidade do actual Ministro da Ciência, Mariano Gago. Foram feitos acordos com três Universidades Americanas: Massachusetts Institute of Technology (MIT); Carnegie Mellon e Universidade do Texas, Austin.

Segundo Danil Roos, director do Programa MIT Portugal:

“Queremos introduzir em Portugal os mesmos padrões de exigência na admissão dos estudantes para os programas de doutoramento que realizamos nos E.U.A..” Atrair talentos que captem novos investimentos é o lema.

“Assim, a promoção do acesso *on-line* às principais fontes de conhecimento internacional, abrangendo todas as áreas científicas e estimulando as condições de acesso universal ao saber por parte da nossa comunidade científica (acesso por parte dos professores, alunos, investigadores, etc), será estimulada através da constituição de uma **Biblioteca Científica Digital**, em estreita articulação com o Ministério da Ciência e do Ensino Superior.”

... Referia-se ainda:

“O conhecimento constitui a base das inovação, sendo a Sociedade de Informação um dos factores para alavancar as condições de acesso e difusão desse conhecimento. Neste contexto, considera-se que o acesso universal às principais fontes, de conhecimento constitui uma mais-valia fundamental para estimular a inovação.

Por outro lado, a inovação apenas assume relevância económica quando se difunde pelo conjunto dos potenciais utilizadores – é a difusão que permite transformar a inovação, de acontecimento isolado no tempo e no espaço, num fenómeno abrangente para significativos segmentos do sistema económico, pelo que a difusão do conhecimento assume enorme relevância económica.

Assim, facilmente se compreende que a aceleração dos processos de difusão constitui um factor essencial na promoção da capacidade inovadora.”

António Coutinho, do Instituto Gulbenkian da Ciência, já havia advertido: ***“as pessoas chegam ao fim da Universidade com uma informação muito precária em coisas fundamentais”... “tenho para mim que os intelectuais modernos são profundamente ignorantes. Desconhecem a quase totalidade do saber e, ainda por cima, nas questões que lhes interessam de perto.”***

Com o recente investimento da “Portugal Telecom” no “DATA CENTER” de nível internacional, na cidade da Covilhã; o projecto da UBI de um plano para o levantamento do Património, abrangendo a Cova da Beira, Beira Interior Norte, Sul e Pinhal Interior. ...

Lembremos que Salamanca está a cerca de cem quilómetros da Beira Raiana e as Universidades de Coimbra e a de Aveiro na Beira Litoral,

A Esperança renasce ...

Este Mapa do “Egeo-Pelasgo” elaborado na actualidade, que encontrei numa agenda antiga de que não me foi possível encontrar a procedência devido à falta de páginas, repõe a verdade dos factos: o colonização do Egeu pelos Pelasgos – Atlantes e a natural assimilação da sua civilização pela Grécia – Primitiva, após a pulverização da Atlântida pela colossal explosão do Santorini, cujo Tsunami chegou à Creta Minóica, depois ocupada pelos Dórios, como reza a Odisseia, no regresso de Ulisses.



Toda a vida desta Proto e Pré -Historia da Europa, que o é da Humanidade, cresceu e teve o seu fim no “Egeo-Pelasgo”.



Esta é a bela **Cascata do Poço do Inferno**, lugar paradisíaco, com um pequeno caminho de cinco quilómetros, perpendicular à estrada que das Caldas de Manteigas, sobe paralela ao troço superior do Zêzere.

À pujança das espécies vegetais, bem adaptadas ao meio, sucede a nudez de penhascos dantescos, serpenteando a estradita, agarrada à encosta. Aqui, como testemunham duas senhoras de garridas vestes, à cor cristalina da água da ribeira, saltando do alto e cavando à há milénios fundo poço, mesclam-se os muitos tons verdes das grandes árvores aos musgos e os escuros ou cristalinos dos cumes e rochedos.

Porém, para que esta ribeira corra para o rio, a jusante já mais suave, com belas trutas e sáveis até à grande barragem do Castelo do Bode, onde produz energia; abastecendo depois, por gravidade, Lisboa ...

Para que assim seja, o salto da ribeira necessita ter a montante, belos carvalhais que trepam até grandes altitudes, soutos, pinheiros, urzes, demais biodiversidade que possibilite a infiltração da água das chuvas, da neve, dos nevoeiros e brisas marítimas, que sobem aos Cântaros.

Foi nestes Montes Hermínios, no Quaternário, com o degelo, os *glaciares rasgaram o belo Vale em U, que vêm dos Kântharos (bela metáfora com que os gregos de C. Celas, no séc. VI a.C., baptizaram os três enormes fraguados, que falam às estrelas e donde, da base, brota cristalina água e nascem os rios).*

A água da cascata, rasga depois caminho rumo ao Zêzere, junto a Manteigas.

Camadas de gelo migrantes, com maior velocidade na parte central, desde os cimos arrastaram rochas e solos das margens, que depositaram na COVA DA LÃ, nas margens do rio, espraiando-se então com suave declive, passando ao lado da Serra da Gardunha, a caminho da grande barragem do Castelo do Bode.